

No Poster do Mês: Zé Teodoro

**Uma entrevista
com Henri Aïdar**



AGOSTO 1989 Nº 64

SÃO PAULO

NOTÍCIAS

Adhemar Ferreira da Silva

**As estrelas
de ouro da
nossa bandeira**



**Os grandes
goleiros do
São Paulo FC**

Páginas 12 a 15

**O Técnico e o Presidente:
Um abraço na festa
dos Campeões**

Páginas 10 e 11

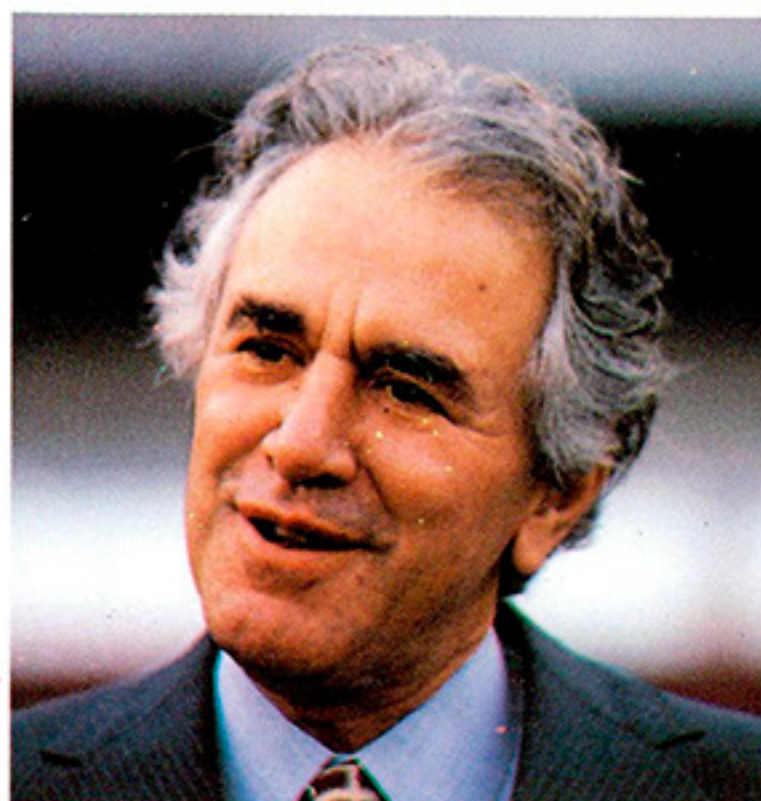
Estrelas Sãopaulinas

A figura maiúscula de atleta e desportista de Adhemar Ferreira da Silva, bicampeão olímpico do salto triplo, ilustra a capa desta edição de agosto de **São Paulo Notícias**, chamando para a reportagem que evoca os feitos gloriosos do grande campeão, cuja imagem esteve sempre associada ao São Paulo FC, onde Adhemar, ainda adolescente, iniciou sua carreira sob a orientação de Dietrich Gerner.

A matéria de Luiz Carlos Ramos além de lembrar os feitos desse singular atleta, rende homenagem principalmente ao homem Adhemar Ferreira da Silva.

Os sãopaulinos jamais esquecerão suas façanhas que colocaram para sempre no pavilhão tricolor as duas estrelas de ouro, nossos grandes orgulhos.

Na série de entrevistas com as figuras maiores do São Paulo, colhemos o depoimento do Dr. Henri Aida, homem culto e generoso, um apaixonado pelo São Paulo há 58 anos, desde o momento em



que o São Paulo FC apareceu pela primeira vez como entidade de futebol no cenário desportivo da Capital.

Além de torcedor militante, que se define como 'um sãopaulino fanático', o Dr. Henri Aida reservou sempre ao Tricolor cotas generosas e prioritárias de

suas energias e de seu tempo, não obstante seus múltiplos afazeres como advogado e dirigente de empresa.

Os três biênios de sua Presidência, de 72 a 78, sucedendo a Laudo Natel, foram dos mais criativos e profícuos na história de nossa Entidade.

A festa que a Federação Paulista de Futebol realizou em nosso auditório, no Morumbi, para prestar homenagens aos atletas e dirigentes do Campeão e do Vice de 89; a juízes e personalidades ligadas ao futebol merece também um registro especial nesta edição de **SPN**. Na confraternização, o Dr. Eduardo José Farah pôde ouvir o reconhecimento dos desportistas ao modo como conduziu o certame paulista deste ano, mantendo a disputa em nível elevado. A essas vozes o São Paulo FC se associou, como de seu dever.

Juvenal Juvêncio

Correio



A chama reacendeu

Sr. A extraordinária edição de **SPN** do São Paulo Campeão de 89 prolongou o meu entusiasmo de sãopaulino. A vibração que todos tivemos com a magnífica arrancada do time rumo à sexta grande conquista da década continuou na síntese gráfica que vocês alcançaram na bela edição de julho. **É Campeão!** foi o grito que mais uma vez brotou da garganta tricolor contra ad-

versários que tudo fizeram para levar o título este ano. Os corintianos diziam que o caneco iria para o Parque São Jorge por estar em jogo a taça do Centenário da República e parece ser tradição corintiana ganhar nos Centenários; os palmeirenses, porque estão na fila há anos e, tendo-se reforçado bastante, não iriam deixar passar mais esta oportunidade. Mas o São Paulo deu a volta por cima e venceu com todos os méritos.

Espero que todos continuem apoiando o trabalho de nossa simpática Diretoria e que novos triunfos sejam obtidos. A corrente sãopaulina se reacendeu. E não vamos deixar a chama apagar! **Edson Costa Ribeiro, Capital.**

O elogio da CBF a SPN

Sr. Temos o prazer de comunicar que estamos recebendo regularmente os números da Revista **São Paulo Notícias**.

Agradecendo a gentileza, desejamos registrar nosso elogio a esse tradicional Clube

pela magnífica qualidade da publicação não só pela apresentação gráfica, como também pelo conteúdo das matérias nela inseridas. Cordialmente, **Ricardo Terra Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol.**

O notável De Sordi

Sr. Que bela homenagem vocês prestaram ao De Sordi e aos sãopaulinos, evocando a sua carreira vitoriosa de jogador. Ah, esses nossos craques inesquecíveis, quanta reminiscência nos trazem as suas curtas mas fulgurantes passagens pelo futebol! De Sordi é uma glória sãopaulina. E é tão bom saber que ele volta à sua terra natal depois de 40 anos e com uma situação econômica estável que lhe permitirá viver com dignidade. Infelizmente, no futebol, nem todos puderam ter o seu destino.

Saravá, Nilton! Parece que o estou vendo, disparando como um **tourinho** para chegar antes dos atacantes na bola e afastá-la com firmeza da nossa área. A emoção é gran-

de, De Sordi! Os sãopaulinos jamais o esquecerão! **José Quintino Rosa, Santo André, SP.**

A história tricolor

Sr. A fina cultura do nosso Conselheiro, Dr. Carlos Eduardo de Toledo, acaba de recuperar para todos nós sãopaulinos uma página magnífica da história do São Paulo FC que não estava tão nítida para mim. Tenho a pretensão de conhecer razoavelmente a história tricolor, mas algumas passagens tão vivamente evocadas na entrevista do Dr. Toledo lançaram luz sobre alguns momentos cruciais da vida do nosso Clube que muito me gratificaram saber. A sequência de depoimentos dos nossos sãopaulinos 'históricos' iniciada com o dr. Pirajibe Nogueira e continuada por Laudo Natel, Manoel Raymundo Paes de Almeida e, agora, com Carlos Eduardo de Toledo, perfazem um conjunto de narrativas e relatam episódios que a todos nós agrada ouvir. Continuem! **José Eduardo Pessanha, Capital.**

SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo: Carlos Miguel Castex Aida. Presidente do Conselho Consultivo: Carlos Ferraz. Presidente do Conselho Fiscal: Ivan Gamba Natel. Presidente da Diretoria: Juvenal Juvêncio. Vice-Presidente: José Celestino Bourroul. Diretor Secretário Geral: Valter Maria Pereira. Diretor Administrativo: Paulo Elysio de Andrade. Diretor Financeiro: Fernando de Souza Toledo. Diretor de Planejamento e Controle: Chafik Rayes Jr. Diretor de Futebol: Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa. Diretor Jurídico: Carlos Augusto Barros e Silva. Diretor de Esportes Amadores: Édson Francisco Lapolla. Diretor Social: José Francisco Alarcão Neto. Diretor de Manutenção: José Carlos Brandileone. Diretor de Marketing: Eloy Simões. Diretor de Obras: Gabriel Aida Abouchar. Grupo Executivo: Eloy Simões, Laerte Fernandes e Luiz Carlos Ramos. Redatora: Vera Helena Rodrigues. Colaborador: João Prado. Jornalista responsável: Tônia Azevedo (MTb 17.774). Estagiários: Marcelo Civitati e Denis Borghi. Fotos: Arnaldo Fiaschi. Produção Gráfica, Composição, Fotolito e Impressão: Ficha Tríplice Gráfica e Papeleria Ltda. Rua Fradique Coutinho, 1433 - Telefone 210-6144. Redação e Publicidade: Estádio Cícero Pompeu de Toledo, Praça Roberto Gomes Pedrosa, Jardim Leonor, CEP 05653 - Caixa Postal 1901 - Telefone 842-3377 (PABX).

Avós estreantes

A cegonha aterrissou pródiga no Morumbi. Primeiro, trouxe a canceriana **Beatriz Ricci Noronha**, no dia 7 de julho, com 51 cm e 3,380 kg, primeira filha de Janicley Ricci e Nivaldo Pipl Noronha, filho mais velho do craque **Noronha**, que o São Paulo foi buscar do Grêmio de Porto Alegre, em 42, e que integrou, com Rui e Bauer, a mais famosa linha média trico-



Noronha contempla a netinha Beatriz, no braço da vovó Amélia; ao lado o filho Nivaldo e a nora Janicley.

lor de todos os tempos. A seguir, no dia 29, trouxe o leonino **João Paulo Juvêncio Cunha**, filho de Giselle Tardio Juvêncio e do médico do São Paulo, Dr. Marco Aurélio Cunha. João Paulo nasceu com 3,680 kg e 52 cm. O craque Noronha e o Presidente Juvenal Juvêncio são avós pela primeira vez. E estão radiantes.



Giselle e o Dr. Marco Aurélio com o primogênito João Paulo

Escolinha Maternal



Estão abertas as matrículas para a Escolinha Maternal do São Paulo FC, que funciona nas dependências do Clube, no Morumbi, para crianças de 1 a 5 anos. As aulas têm dois períodos: das 8 às 11,45 e das 13 às 17,15 horas. Sócios e não-sócios podem matricular os seus filhos. Mais informações com Célia ou Regina, pelo telefone 842-3377, ramal 175.

Por que sou são paulino

FREDERICO MAZZUCHELLI

Aos 7 anos, despontou a paixão!

"Poy, De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira. Esse timaço, campeão paulista de 1953, foi o primeiro que vi jogando. Um esquadrão inesquecível! Eu tinha apenas sete anos e minha primeira paixão já despontava: o São Paulo Futebol Clube.

Apesar do sobrenome Mazzucchelli, sou de família são paulina. Meu pai nasceu em Brescia, Itália, e não gostava muito desse negócio de colônia. Daí ter escolhido o São Paulo, e não o Palmeiras, no futebol. No meio de uma família são paulina, eu tinha mesmo que ser são paulino, o que me dá grande satisfação. E minhas filhas, seguindo essa tradição, também são torcedoras do Tricolor.

A década de 60 para mim foi horrível. O São Paulo não ganhava nada, pois estava na epopéia da construção do Morumbi. Em 67, ano em que meu pai faleceu, o São Paulo quase ganhou o título, lembro-me como se fosse hoje. Era só vencer o Corinthians e pronto. O jogo estava 1 a 0 para nós, gol de Lourival, até aos 45 minutos do segundo tempo, quando o centroavante Benê empatou para o Corinthians. Aquilo me deixou imensamente triste. Tivemos, então, que fazer uma decisão extra com o Santos. Perdemos.

Para minha felicidade, a década seguinte foi bem diferente. O São Paulo foi bicampeão, em 70 e 71, numa época em que vi jogar o melhor goleiro do Clube em todos os tempos, na minha opinião:



Frederico Mathias Mazzucchelli, 42 anos, Secretário de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, é economista, doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e diretor do Instituto de Economia do Setor Público (Iesp) da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap).

Sérgio. Eu gosto muito de futebol e quando jogava era goleiro. Por conhecer um pouco da posição, acho que Sérgio foi o melhor. Ele formava num time que tinha Roberto Dias, Gérson, Pedro Rocha, Toninho Guerreiro... Um supertime.

Lembro-me também do título paulista de 75, quando ganhamos a final da Portuguesa.

Em 1978, um fato curioso aconteceu comigo: logo após a conquista do nosso primeiro título de campeão brasileiro (em Belo Horizonte, contra o Atlético Mineiro, nos pênaltis) eu saí correndo pela rua gritando o nome do São Paulo. E me beliscava para acreditar.

Nos anos 80, então, a felicidade tem sido total. Fomos bi paulistas em 80 e 81 e novamente campeões em 85, 87 e 89. Isso sem falar no título brasileiro de 86. O dessa época era também um timaço, com Müller, Silas, Careca e Pita, entre outros. Aliás, na minha opinião, o Careca e o Canhotoiro foram os melhores jogadores do São Paulo em todos os tempos. Eles eram demais!

Em 83, ocorreu-me um fato que depois ficou marcante na minha vida. Num São Paulo vs. Atlético Paranaense, a torcida jogava pedras em campo e a polícia interveio. Eu, que estava só assistindo, tomei três cacetadas. Depois de algum tempo, fui condecorado pelo 2º Batalhão de Choque, justamente o daqueles meus agressores. Hoje somos bons amigos.

Para terminar, eu gostaria de revelar minha seleção do São Paulo de todos os tempos: **Sérgio, Zé Teodoro, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Benê, Zizinho e Gérson; Maurinho, Careca e Canhotoiro**. Essa seleção, se fosse vendida, pagaria toda a dívida externa brasileira!"

HENRI AIDAR

Um Sãopaulino Fanático



ROLANDO DE FREITAS

Advogado multi-especializado, dirigente de empresas, antigo membro do Conselho Nacional de Desportos, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, na gestão Laudo Natel, o Dr. Henri Aida faz questão de ostentar, entre os seus títulos, o que considera o maior de todos e a razão de ser de sua vida: o de **sãopaulino fanático**.

Torcedor desde a fundação do São Paulo FC, em 1931, quando o Clube tinha o seu campo na Chácara da Floresta, o Dr. Henri Aida cultiva a sua paixão há 58 anos. Levado para o quadro de dirigentes do Clube por Laudo Natel, de quem se tornou amigo íntimo e colaborador, ocupou vários cargos na direção do São Paulo até assumir a presidência, em 72, cargo em que permaneceu até 78, quando o São Paulo levantou o seu primeiro título de Campeão Brasileiro de Futebol, num jogo dramático realizado no Mineirão, em Belo Horizonte.

Nesta entrevista a **SPN**, Henri Aida, hoje Conselheiro Vitalício do São Paulo, fala de suas experiências como torcedor e desportista e defende uma reforma urgente da estrutura do futebol brasileiro, em que o São Paulo, a seu ver, poderia ser tomado como modelo.

SPN - O Sr. nasceu em Olímpia, no interior do Estado. Desde quando começou a torcer pelo São Paulo?

HA - Eu sou sãopaulino desde menino. Torcia à distância, em Olímpia, ouvindo os jogos do São Paulo num radinho de galena. Como não havia ginásio em Olímpia, fui estudar em Barretos, mas logo depois, em 35, estava em São Paulo. Cheguei a tempo de presenciar um acontecimento extraordinário em meu **currículo** de sãopaulino: o último jogo do São Paulo FC dessa primeira fase, na Chácara da Floresta, na Ponte Pequena. Lembro como se fosse hoje. Foi um jogo contra o São Cristóvão do Rio e terminou empatado de 1 a 1. Zarzur, que depois foi para o Vasco, e retornou mais tarde ao São Paulo, fez o nosso gol. Dodô marcou para os cariocas. Eu tinha 14 anos e a certeza de que o São Paulo FC era uma paixão para a vida toda...

SPN - O Sr. torce para o São Paulo desde 1931?

HA - Em verdade sou sãopaulino desde os tempos do Paulistano. Eu torcia pelo CA Paulistano por uma razão emotiva. O Paulistano, para mim, representava São Paulo. Quando o Paulistano extinguiu o seu futebol eu, menino de grupo escolar lá em Olímpia, fiquei muito triste. Mas logo depois surgiu o São Paulo FC, da Chácara da Floresta, que reunia dirigentes e jogadores do Paulistano. Era continuidade de uma idéia que teve suas vicissitudes, é verdade, mas jamais se extinguiu e hoje alcança sua plenitude no São Paulo FC do Morumbi.

SPN - Muitos sãopaulinos não consideram, na história do São Paulo FC, essa fase inicial, de 30 a 35. Aham que o São Paulo atual nasceu em dezembro de 35, na Rua Onze de Agosto, ao lado da Faculdade de Direito.

HA - Não estou de acordo com essa tese. Eu comecei a torcer pelo São Paulo desde que ele nasceu, em 1930, formado pela dissidência do Paulistano, que aboliu o futebol em protesto contra o profissionalismo. Depois, houve o período difícil até a absorção do clube pelo Tietê, mas a idéia autêntica do São Paulo e de São Paulo esteve presente mais do que nunca nesta fase. Eu vibrei e sofri muito também nesse curto período, como naquela decisão do Torneio Rio-São Paulo, em 33, em que perdemos para o Palestra por 1 a 0, um placar injusto, com um gol isolado do ponta-direita Avelino. Aquilo ficou calado em mim. A idéia do São Paulo FC era tão forte que o clube reapareceu, com o mesmo nome, em dezembro de 35, meses após a fusão do São Paulo FC da Chácara da Floresta com o CR Tietê. É verdade que nem todos os egressos do Paulistano estavam juntos no São Paulo FC re-fundado em dezembro de 35. Mas a 'são paulinidade' ressurgiu aí com força e vai alcançar a sua plenitude na virada da década, a partir de 1940, sem dúvida depois da fusão com o Estudante Paulista, na qual o São Paulo FC se revigora para o grande salto dos anos 40 em que alcança extraordinária popularidade e se consolida, definitivamente, como Clube e como time.

Excluir o período do São Paulo da Chácara da Floresta, seria o mesmo que dizer que José, Sílvio, Iracino, Rafa, Zarzur, Orozimbo, Luizinho, Armandinho, Araquém, Friedenreich,

Hércules, Junqueira e outros não pertenceram ao São Paulo. Respeito muito o ponto de vista daqueles que acham que o São Paulo FC só passou a existir em dezembro de 1935. Mas como eu torci e sofri desde 31, não posso concordar que a nossa história como time e como Clube omita esses cinco anos heróicos iniciais. Lembro que o São Paulo FC foi campeão paulista em 31 e chegou à final do Rio-São Paulo de 33, perdendo para o Palestra, que, aliás, nem foi campeão, foi o Bangu. Esses anos, para mim, estão incorporados à história do atual São Paulo FC. Não dá para descartá-los.

SPN - Em recente entrevista concedida a **SPN**, o dr. Carlos Eduardo de Toledo diz que o São Paulo FC que renasceu em dezembro de 35, era um time simpático, tinha uma grande torcida, mas não tinha bons jogadores. Só depois da fusão com o Estudante Paulista, em 38, é que o São Paulo se tornou um time realmente forte, com os jogadores que recebeu do Estudante. O Sr. concorda com a tese

HA - É verdade. Inclusive aproveitando alguns bons jogadores do LPB (Laboratório Paulista de Biologia) que jogavam no Estudante. O Toledinho jogava também no Estudante e, é claro, adquirimos uma nova força, uma nova vitalidade com essa fusão.

SPN - O Sr. que torce para o São Paulo desde o primeiro dia, como divide as etapas de sua evolução histórica?

HA - Eu vejo a história do São Paulo FC como uma história contínua, mas com fases perfeitamente definidas. A primeira, da Chácara da Floresta, foi o período heróico logo depois da exclusão do futebol do Paulistano. Depois, em 35, o Clube ressurgiu e cumpriu mais uma etapa, até 38, quando as forças tricolores, as grandes correntes desportivas paulistanas, se reaglutinaram e caminharam juntas para, na virada da década de 30, fazer 'explodir' o grande São Paulo FC que não parou de crescer até os dias atuais. Na década de 40 há que fazer-se um elogio ao extraordinário Décio Pacheco Pedrosa que fez grandes contratações e montou aquele timão, o **Rolo Compressor**, em que pontificava a figura de Leônidas da Silva, o 'Diamante Negro'. Nos anos 40, houve uma polarização no futebol: era o São Paulo aqui, como o 'Rolo Compressor', e o Vasco da Gama, no Rio, como o 'Expresso de São Januário'. Num 1º de maio, os dois times se enfrentaram no Estádio de São Januário, no Rio, com os portões abertos. Foi a maior platéia daqueles tempos com a presença do Presidente Getúlio Vargas. O ferino escritor Agripino Grieco, logo depois, numa conferência no Teatro Municipal, em São Paulo, ao agradecer o enorme público que se reunia para ouvi-lo, disparou a ironia: "eu sou muito grato a São Paulo, que acorre em massa aqui, sem nenhum espetáculo de futebol..."

Nos anos 40, o São Paulo consolidou o seu futebol. O patrimônio só começou a vir com a compra do Canindé, que funcionou como uma espécie de estágio para o grande salto do Morumbi, nas décadas de 50 e 60.

SPN - A idéia de reunir um patrimônio expressivo sempre dominou os planos do São Paulo?



Em outubro de 60, na inauguração do Estádio do Morumbi.



O presidente Aida recebe de José Ermirio de Moraes, na FPF, a taça de Campeão Brasileiro de 77. Laudo aplaude.

HA - Sem dúvida. Teríamos de ter uma base sólida, um patrimônio que materializasse a idéia do Clube, um lugar digno do São Paulo. O esforço de gente de extraordinária determinação como Cícero Pompeu de Toledo, Laudo Natel, Piragibe Nogueira, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Marcel Klaczko e tantos outros avultou nesse empreendimento ímpar na história desportiva deste País, que foi a construção do Morumbi. Hoje, talvez nem o Estado a pudesse realizar.

O Morumbi é, portanto, um marco, uma obra da afirmação são paulina. Eu como qualquer torcedor, não admitia que alguém pusesse qualquer defeito no Estádio. Eu me lembro que certa vez um clube da Capital, um chamado 'co-irmão', segundo o jargão da crônica, queria forçar a transferência de um jogo contra o São Paulo para o Pacaembu, alegando que o gramado ali era melhor. Eu reagi como uma fera e numa entrevista a uma rádio disse: 'Depende. Se for quanto à drenagem, ele está dizendo bobagem. A do Morumbi é infinitamente melhor e mais moderna. Agora, se for quanto à grama, talvez ele tenha razão. Ele é **expert** na matéria e eu não sou'. (risos). Era dessa forma apaixonada que eu defendia o São Paulo...

SPN - Qual foi melhor, o São Paulo da década de 40 ou o São Paulo da década de 80?

HA - É difícil comparar duas épocas em futebol. Nos anos 40, o São Paulo fez o nome no imaginário do torcedor e alicerçou a mística das três cores. A década de 80 consolidou a fase de ouro do São Paulo, iniciada em 70, após a inauguração do Estádio, no Morumbi.

SPN - O Sr. se define como um torcedor fanático do São Paulo?

HA - Sim. Desses que, quando o São Paulo perdia era porque o juiz roubava. (risos). Em 42, quando me preparava para o duro vestibular na Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, não perdia um jogo do Tricolor. Ia ao Pacaembu com dois grandes amigos, o Waldemar Mariz de Oliveira Jr., hoje desembargador, e o Papaterra Limongi, depois Procurador de Justiça e Desembargador. Levávamos as apostilas para o campo e estudávamos no intervalo dos jogos, mas não perdíamos uma partida; e como me ajudou o fraternal amigo desembargador Waldemar Mariz de Oliveira Jr. como Presidente do Conselho Deliberativo quando Presidente do São Paulo.

Quando fiz parte do CND - Conselho Nacional de Desportos, por dois períodos de quatro anos, era imparcial em tudo o que apreciava lá. Menos quando havia julgamento de um caso envolvendo o São Paulo. Aí eu me levantava e dizia aos meus pares: considero-me impedido. 'Se eu julgar esse caso posso cometer uma injustiça. O São Paulo FC jamais está errado'. (risos).

SPN - Quando o torcedor Henri Aida se torna dirigente do São Paulo?

HA - Da arquibancada à direção do Clube, houve um caminho percorrido. Primeiro, como advogado, fui defender o São Paulo no Tribunal de Justiça Desportiva a convite do Dr. Estellita

Pernet um extraordinário são paulino. Depois fui Conselheiro, Diretor de Futebol, Secretário da Diretoria, Vice-Presidente e Presidente. O moleque de Olímpia, que colecionava figurinhas de jogadores de futebol e fazia álbum com recortes de jornais e revistas com os craques do São Paulo, se sentiu inteiramente realizado no Clube...

SPN - O caso Amauri 'Marreco' foi o mais importante em que o Sr. atuou como advogado do São Paulo?

HA - Foi, sem dúvida, pelas suas circunstâncias, pois estava em causa o título de 57. Amauri havia sido expulso num jogo contra o Botafogo, em Ribeirão Preto, que eu, como torcedor fanático, tinha ido assistir. Como primário, o jogador poderia, no máximo, ser suspenso por um jogo com 'sursis', que interrompia automaticamente a aplicação da pena. Era a praxe. Mas o presidente do Tribunal, o corintiano Maximiano Jimenez, postergou o julgamento. A expulsão havia ocorrido no dia 1º ou 2 de dezembro. O caso Amauri entra em pauta de julgamento no dia 22 ou 23. Dos sete juízes, três votaram pela punição por um jogo com 'sursis', três decidiram pela suspensão por um jogo sem 'sursis'. Coube ao presidente o voto de Minerva e, pela tradição do Tribunal, ele deveria votar pela suspensão com 'sursis', o que garantiria a presença de Amauri no jogo final do campeonato de 57, exatamente contra o Corinthians. Mas Jimenez cedeu à paixão e decidiu pela suspensão do jogador sem 'sursis'. Fiquei arrasado. O jogo decisivo seria no dia 29 de dezembro. Apelei e consegui que o CND apreciasse o recurso em sessão extraordinária no dia 26, às 10 horas da manhã. Para não correr o risco de um eventual atraso do avião, viajei de carro para o Rio no dia 25. A família compreendeu a minha ausência no almoço de Natal, pois era preciso garantir a defesa do jogador junto ao CND. O Conselho manteve a decisão com 'sursis' e Amauri pôde marcar o primeiro gol do São Paulo na partida final do dia 29, em que o São Paulo venceu por 3 a 1 e foi campeão. Maurinho e Canhoteiro marcaram os outros gols. Rafael marcou para o Corinthians.

SPN - Em 78, quando o São Paulo levanta o primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol, relativo ao ano de 77, o Sr. estava na presidência, sucedendo a Laudo Natel.

HA - Exato. Laudo me passou a presidência em de 1971, para eu terminar, como seu vice, o seu último biênio. Fui eleito por mais três biênios em 72, 74 e 76. Deus também me ajudou. O Campeonato de 77 avançou por 78 e pude terminar o mandato com uma conquista extraordinária, o Campeonato Brasileiro de Futebol. A batalha dessa conquista se deu em duas frentes. Uma, no campo, no feito extraordinário dos jogadores. A outra, nos bastidores porque tudo estava preparado para sagrar o Atlético campeão pela sua extraordinária campanha. Era, na verdade, uma festa da política mineira. As personalidades de Minas, como o governador Aureliano Chaves, o Paulinelli e outros estavam no Estádio. A imprensa já havia saudado o Atlético como campeão. Foi uma batalha só. Primeiro a 'guerra' em torno da escalção de Serginho que se encontrava suspenso. Corria o notícia de que tínhamos um

Na dramática disputa de pênaltis com o Atlético, no Mineirão, em 78, o São Paulo acabava de perder o seu 2º chute. Inabalável, o Presidente Henri Aida confiava na vitória: 'Vamos ganhar!', gritava. E o São Paulo venceu!





Henri Aida, em sua biblioteca, ao lado da foto que abriga uma cena histórica: o abraço de Laudo em abril de 72, quando da eleição de Aida para o seu primeiro biênio como Presidente do São Paulo. Ao fundo, Frederico Menzen, o sócio nº 1.

mandado de segurança garantindo a escalação dele. O Atlético ameaçava escalar Reinaldo, suspenso, se Serginho fosse escalado. Evidente que não escalamos o Serginho mas mantínhamos a ameaça da escalação até minutos antes do jogo começar, e Reinaldo não jogou. Depois, na decisão por pênaltis, quando perdemos o segundo, gritei para um amigo, Conselheiro do São Paulo: **'Nós vamos ganhar!'** E ganhamos. Eu tinha a certeza da vitória, mesmo quando tudo parecia impossível. O grande jogador, então comentarista, Ademir de Menezes dizia **'time que tem Chicão não perde para ninguém!'** Era verdade. Chicão foi um 'monstro' naquele jogo. Mas tivemos também Dario, o Valdir Perez, o Viana, o Neca, o Bezerra, o Antenor... Tivemos homens em campo, todos decididos a ganhar.

SPN - O Sr. foi 18 anos dirigente do São Paulo. Quantos jogadores o Sr. ajudou a trazer para o time?

HA - Foram muitos. Cito entre eles o Pedro Rocha, o Forlan, Dario Pereyra, o Gerson que contratamos no maior segredo, porque o nosso objetivo era trazer também o Zé Maria da Portuguesa. Aqui na sala de casa, fechamos, numa noite, a contratação de Valdir Perez e de Chicão, que o Palmeiras estava 'namorando'. Uma contratação que me deu satisfação foi a do ponta Paraná. Outra que meu deu muito trabalho foi a do Babá.

SPN - O Sr. disse certa vez que sua experiência como dirigente do São Paulo o ensinou muito.

HA - Exato. O São Paulo foi para mim uma escola de relacionamento humano, uma escola de administração e uma escola de esperança, de fé e de otimismo. Quando eu perdia uma partida, como Diretor de Futebol, o primeiro telefonema que recebia era do Manoel Raymundo Paes de Almeida. 'Henry, isso acontece, não se preocupe. Nós confiamos no seu trabalho'. E me animava. O São Paulo foi para mim, sobretudo, uma escola de humanidade, um ambiente de depuração espiritual...

SPN - E o São Paulo, hoje?

HA - O São Paulo, hoje, é uma entidade poliesportiva modelar, que se volta também para a parte social, para o lazer, para o sócio-cultural. O São Paulo está caminhando para uma política certa, no meu entender. E pode contribuir com seu exemplo para a mudança das estruturas arcaicas do futebol no Brasil.

Precisamos implantar aqui estruturas modernas, semelhantes às grandes empresas, como existem na Itália, na Espanha, na França, na Inglaterra. Precisamos ter uma organização que objetive também o lucro, a renda, enfim, para a manutenção autônoma das entidades. O movimento do Clube dos 13 demonstrou - e é esta a minha tese - que são os clubes e não as federações ou a confederação a razão de ser do futebol. Se os clubes forem fortes, o futebol também será forte no Brasil. Mas antes é preciso mudar a estrutura e a legislação que só diz não, não, não. É preciso conferir aos clubes brasileiros a capacidade de livre iniciativa. Para isso eles necessitam de espaço e liberdade de empreender e criar.

SPN - O Sr. também é contra o passe do jogador preso ao clube?

HA - Sim. O jogador deveria estar preso ao clube apenas durante o contrato. Findo o compromisso, o atleta teria a liberdade de negociar livremente a permanência no mesmo clube mediante um novo contrato ou ir para outro que lhe oferecesse melhores condições. Com isso ganhariam todos: o futebol, pela mudança constante de jogadores; o jogador, e também os clubes que só despenderiam dinheiro nos contratos não na aquisição dos passes.

SPN - Voltando ao São Paulo, como antevê a performance do time na próxima década? (risos)

HA - Como a performance de um time e um Clube vitorioso, que possui um extraordinário patrimônio humano. Nós temos quadros! No São Paulo, há cem pessoas, pelo menos, em condições de ser Presidente. Isso é uma demonstração de vitalidade. E os nossos dirigentes, salvo uma ou outra exceção, são pessoas do futebol, gente que gosta do futebol e também está voltada para o Clube. Veja a gestão do Juvenal Juvêncio. É extraordinária. Eu acho que é uma gestão perfeita e equilibrada, como eu mesmo não pude ter. A atual gestão se volta tanto para o futebol como para a parte social. E isto é o que todos desejam. A grandeza do São Paulo encontra-se também na sucessão de suas Diretorias, onde não há continuismo e sim continuidade administrativa, visando sempre o Clube e não as pessoas, para colocá-lo, cada vez mais, dentre os maiores do Mundo, se não o maior, como é o objetivo de todos aqueles que vivem e amam o nosso querido São Paulo Futebol Clube.



Gino, o demolidor de defesas

Há 31 anos no São Paulo (11 anos como jogador e 20 anos como administrador do Estádio), Gino Orlando fala de sua carreira e de uma pequena mágoa do futebol: o modo como foi cortado da Seleção Brasileira, em 58, às vésperas do embarque para a Suécia.



Gino, em 57, centroavante do São Paulo. Na decisão o time formava com Poy, De Sordi e Marcel; Sarará, Vitor e Riberto, Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro.

Dos 235 gols que marcou nos 11 anos de São Paulo, de 52 a 63, Gino Orlando calcula que pelo menos 200 foram feitos de cabeça. Centroavante de ótima estatura (1,82 m) e excelente impulsão (saltava pelo menos meio metro acima dos zagueiros de sua época), Gino não tinha dificuldade em elevar os seus 76 kg acima do gramado e dificilmente perdia a disputa de bola alçada na área.

— Não fui um jogador técnico. Era mais um jogador-força, um rompedor de defesas. Consciente de minhas limitações, eu procurava me superar com a aplicação e com o senso de colocação, que desenvolvi com o tempo, e, naturalmente, a minha arma fatal: o cabeceio.

Dotado de rara coragem, Gino nunca recuou frente aos zagueiros. Quando avançava para a área adversária, em rápidos deslocamentos, deixava a defesa em pânico. Jogador duro, que buscava sempre a posse da bola, Gino Orlando exibe ainda hoje no rosto as marcas de sua ousadia: duas ou três avenidas nos supercílios, no queixo e na boca. São os sinais que ficaram das disputas mais violentas nas áreas inimigas e que Gino mostra hoje, aos 60 anos, com uma certa ponta de orgulho.

Jogador especializado, por assim dizer, exclusivamente na finalização das jogadas, Gino desenvolveu um raro senso de colocação em campo e uma espantosa rapidez de raciocínio, que o fazia planejar, em segundos apenas, o ponto do arco onde iria colocar a bola em suas potentes cabeçadas.

— Quando íamos jogar no Interior, tínhamos uma tática para tentar fazer o

primeiro gol rápido - conta Gino. Eu dava a saída e atrasava para o Bauer ou outro jogador da linha média, Pé-de-Valsa ou o Alfredo. Assim que eu recuava a bola, Negri e Albella disparavam para a frente, correndo um pela esquerda e o outro pela direita, juntamente com os pontas que fechavam também a área, seguindo o lançamento que o Bauer fazia em geral em cima do central ou do quarto-zagueiro. Quando a bola chegava à área, pelo alto, Albella ou eu saltávamos com o defensor, procurando interceptar a bola e passá-la a um dos companheiros que entravam na área, vindos de trás. O fato de atacarmos em bloco, facilitava a opção de distribuição do jogo, que tanto podia ser para a direita ou para a esquerda, conforme a melhor colocação do companheiro e o fato de estar ou não desmarcado. Cansamos de fazer gols assim. Marcado o tento, obrigávamos o adversário a sair para o jogo e a nos atacar, o que abria, conseqüentemente, espaços para as manobras dos nossos atacantes.

O espigado Gino Orlando chegou ao Morumbi em dezembro de 52, vindo do antigo Comercial, um clube da Capital já extinto e que disputava as posições intermediárias nos campeonatos paulistas. Gino chegou em meio a uma grande renovação do elenco do São Paulo que se preparava para ser campeão, em 53. Entrou no time e só saiu em 63, depois de 11 anos, quando recebeu passe livre.

— Saí, recorda Gino, e fui direto para casa. Conversei com Enida, minha mulher, e expliquei que, tendo jogado tantos anos no São Paulo, não tinha cabeça para atuar num outro time. Estava decidido a pendurar as chuteiras de vez e viver mi-

nha etapa pós futebol.

Os planos de aposentadoria do centroavante, contudo, duraram apenas algumas horas. Na mesma noite, Gino recebe um telefonema de Oto Gloria, técnico da Portuguesa, que o queria no Canindé. Gino relutou um pouco, achou inicialmente que a chamada de Oto era trote, mas depois se convenceu de que era para valer quando uma perua da Portuguesa o foi apanhar em casa, na Lapa, para ir à sede do clube discutir as bases do contrato. Gino ainda se sentia com plena capacidade de jogar e o interesse da Portuguesa era sem dúvida um desafio. Assim que discutiu as condições do novo trabalho, assinou o contrato e voltou para casa. No dia seguinte, uma quinta-feira, já se concentrou com os novos colegas e estreou no domingo seguinte contra o São Paulo, numa partida pelo antigo torneio Rio-São Paulo, praticamente sem treinar. O jogo terminou empatado 1 a 1 e Gino saiu aliviado por não haver marcado nenhum gol. Assim que entrou no gramado do Pacaembu, Gino recebeu uma homenagem que jamais esqueceu: os aplausos dos saopaulinos, seus antigos torcedores. No centro do campo, recebeu flores do São Paulo, como agradecimento pelos 11 anos de luta com a camisa tricolor, e entregues pelo Dr. Dalzell Freire Gaspar, médico do Tricolor.

Gino Orlando nasceu em São Paulo, em 3 de setembro de 29, numa família italiana, que residia no Brás. No começo não pensava em ser jogador de futebol. Sua paixão era o basquete e chegou a atuar nas equipes juvenis do Nacional, como pivô. Muito criança ainda, a família Orlando mudou-se para a Vila Pompéia e



ROLANDO DE FREITAS

Gino Orlando, um goleador que nunca bateu pênalti ou cobrou falta.

Gino foi morar numa casa ao lado do Parque Antártica. Foi então que o futebol do Flor da Vila Pompéia começou a atraí-lo. Ali começou a consolidar uma das mais fortes amizades que teve no futebol: o meia Dino Sani também ex-defensor do São Paulo e um dos maiores jogadores brasileiros de todos os tempos segundo a avaliação de Gino. Em 48, o antigo jogador Junqueira, garimpador da várzea paulista, levou Dino e Gino do Flor da Pompéia para o Palmeiras. Os dois foram imediatamente incorporados aos aspirantes. Em 51, Gino foi emprestado ao XV de Jaú junto com Gengo, Gerson Passadore e Lourenço. No ano seguinte, voltou ao Palmeiras, e teve o seu passe vendido ao Comercial, de onde o São Paulo foi buscá-lo, em fins de 52. Sua chegada ao Morumbi obrigou o técnico Jim Lopez a deslocar o **center-forward** argentino Albella para a meia-direita, jogando com dois centroavantes. Albella caía mais pela direita e Gino rompia pela esquerda.

Em 54, o São Paulo foi buscar Dino Sani, o grande amigo de Gino, no Comercial. Em 57, o húngaro Bela Gutman, que Gino reputa como o mais inovador e um dos mais competentes técnicos com quem trabalhou, chegou e promoveu uma revolução no time e nos métodos de treinamentos. De cara, deslocou Dino Sani para o meio-do-campo, fixando-o numa posição onde ele se consagraria no futebol brasileiro e no Exterior. O reencontro com Dino, no São Paulo, motivou Gino Orlando. Sua melhor fase no time começa aí. Campeão Brasileiro em 56 pela Seleção Paulista, campeão paulista em 57 pelo São Paulo, Gino recebeu a convocação para a Seleção Brasileira, em 58,

como um prêmio ao seu esforço e o reconhecimento que esperava. Treinou na Seleção 45 dias com afinco e, à véspera do embarque para a Suécia, foi cortado. Gino não discutiu jamais os critérios da opção da Comissão Técnica pelos dois outros centroavantes, Mazola e Vavá, mas se sentiu profundamente atingido pela maneira como o afastaram. Para não

magoar, talvez, o brioso Gino, os dirigentes decidiram enviar-lhe uma carta assinada pelo médico Hilton Gosling, explicando que uma artrose no joelho direito o afastava da Copa. Até hoje, Gino não superou a mágoa dessa atitude que o atingiu muito. Achava que os dirigentes deviam chamá-lo para uma conversa franca e acabaram optando pela "mentira generosa". Gino sabia que estava no auge de sua experiência como jogador e poderia ter contribuído em muito para a conquista da nossa primeira Copa Mundial.

Dos gols que marcou, um Gino não esquece: foi o feito de bicicleta no Estádio Jamor, em Lisboa, numa excursão das Seleção Brasileira, em 56, contra a Seleção de Portugal. Gino pediu a Canhotoiro que chutasse o mini-escanteio à meia altura, na área. Um zagueiro tentou cortar o chute e a bola subiu, descrevendo uma curva atrás de Gino que, virando-se rápido, a apanhou de bicicleta, de costas para o gol. O chute pegou na veia e a bola foi para o fundo das redes, entrando no ângulo superior do arco, sem chances para o goleiro. Até hoje, Gino guarda uma fita gravada com a irradiação do gol feita por Geraldo José de Almeida e recortes da intensa repercussão que esse lance alcançou na imprensa brasileira. Em janeiro de 69, alguns anos depois de ter feito um campeonato pela Portuguesa e dois ou três jogos pelo Nacional AC, onde encerrou definitivamente a carreira de jogador, Gino, então fiscal do Instituto Brasileiro do Café, foi trazido de volta ao São Paulo FC por Manoel Raymundo Paes de Almeida, para ser o administrador do Estádio, cargo em que permanece há 20 anos.

— Como vê - diz Gino com orgulho - estou há 31 anos no São Paulo. 11 anos como jogador e 20 anos como funcionário do Clube. Esta é a minha casa. Não poderia viver sem ela.



Gino, hoje, administrador do colorido Estádio do Morumbi.

A Alegre Festa dos Campeões

A FPF reuniu, no Auditório do Morumbi, os campeões e vices de 89 e outros homenageados, numa festa marcada pela confraternização.

O futebol fez festa, novamente, no Morumbi no último dia 19 de julho, às 17 horas. Desta vez, porém, o palco não foi o gramado, mas o auditório Monsenhor Dr. Francisco Bastos, que recebeu cerca de 200 pessoas para homenagear o São Paulo e o São José, respectivamente, campeão e vice de 89.

A reunião, promovida pela Federação Paulista de Futebol, foi aberta pelo Gerente Social do São Paulo, Valdo Braga, que convocou o presidente da FPF, Eduardo José Farah, para que desse início, oficialmente, à solenidade.

Farah começou a festa exaltando várias pessoas presentes. Primeiramente ao ex-presidente do São Paulo, Conselheiro Henri Aida, pelo grande exemplo que representou em sua vida esportiva. Em seguida, as glórias estenderam-se à imprensa, na pessoa do jornalista Fiori Giglioti, que agradeceu a homenagem com um discurso emocionado.

Os árbitros também foram lembrados. Carlos Facchina, presidente da S.E.



José Eduardo Farah ofereceu uma réplica da Taça Centenário da Independência ao Dr. Henri Aida.



A mesa que presidiu a solenidade: José Maria Marin, Juvenal Juvêncio, José Eduardo Farah, Antoine Gebran e Carlos Miguel Aida.



Os campeões recebem a réplica da Taça e os cumprimentos pelo título de 89

Palmeiras, entregou medalha ao árbitro Dulcídio Wanderley Boschilla; o presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio, ofereceu a medalha de reconhecimento da FPF a José de Assis Aragão.

Os 22 clubes participantes do Campeonato Paulista deste ano receberam uma réplica da Taça Centenário da República, conquistada pelo Tricolor, pelo brilho que emprestaram ao evento.

Um dos pontos altos da festa foi quando o técnico do São Paulo, Carlos Alberto Silva, entregou as medalhas aos jogadores do São José. Carlos Alberto ficou gratificado com a deferência do Presidente da Federação.

O técnico tricolor, aliás, teve uma noite de glória. O Diretor de Futebol, Marcelo Portugal Gouvêa, em seu discurso, elogiou bastante o excelente trabalho desenvolvido por ele e toda a Comissão Técnica. Carlos Alberto agradeceu, comovido, o grande apoio que recebeu da Diretoria e destacou a garra dos jogadores, razão principal da grande conquista. A emoção contagiou os são-paulinos.



O auditório do Morumbi recebeu os desportistas paulistas



A homenagem da FPF à Comissão Técnica Campeã

quando o técnico do São José, Ademir Mello, entregou a seu colega Carlos Alberto Silva um jogo de camisas do São Paulo com o **escudete** de Campeão. Nesse momento, Farah pediu ao técnico que oferecesse a primeira ao Presidente Juvenal Juvêncio. O Presidente são paulino, emocionado, vestiu-a sob intenso aplauso da platéia.

A entrega das medalhas e réplicas da Copa aos jogadores campeões esteve a cargo do Presidente Juvenal Juvêncio e do Presidente do Conselho Deliberativo, Carlos Miguel Aidar. Raí, o capitão, falou em nome do time e cumprimentou a Federação Paulista de Futebol pela organização do campeonato. Destacou, também, o trabalho desenvolvido no São Paulo e afirmou: "No ano que vem, quero sentir de novo o peso da Taça".

Coube ao Presidente Juvenal Juvêncio encerrar a cerimônia. Em seu discurso, falou sobre a beleza do futebol e a empolgação que leva às multidões. Exaltou os trabalhadores que desafiam a crise econômica para prestigiar o seu clube. "A

esses torcedores que participaram do brilho dos espetáculos, eu dedico o meu profundo respeito".

Juvenal Juvêncio lembrou, também, que quando o time não conseguia vitórias, no começo do campeonato, a Diretoria teve serenidade para esperar, pois no momento em que a equipe se harmonizou conquistou com coragem, força e dignidade o merecido título de campeã paulista. "Futebol é arte, não ciência exata", completou.

A secretária da Diretoria, Maria Conceição Gonçalves, também recebeu uma medalha da FPF pela impecável organização da festa.

O Presidente fechou a solenidade cumprimentando à FPF "pela realização de um futebol maiúsculo" e entregou ao presidente Eduardo José Farah uma placa em nome do São Paulo FC. Agradeceu, também, a todos os Diretores e Conselheiros do Clube pelo trabalho que dedicaram à vitoriosa campanha deste ano.

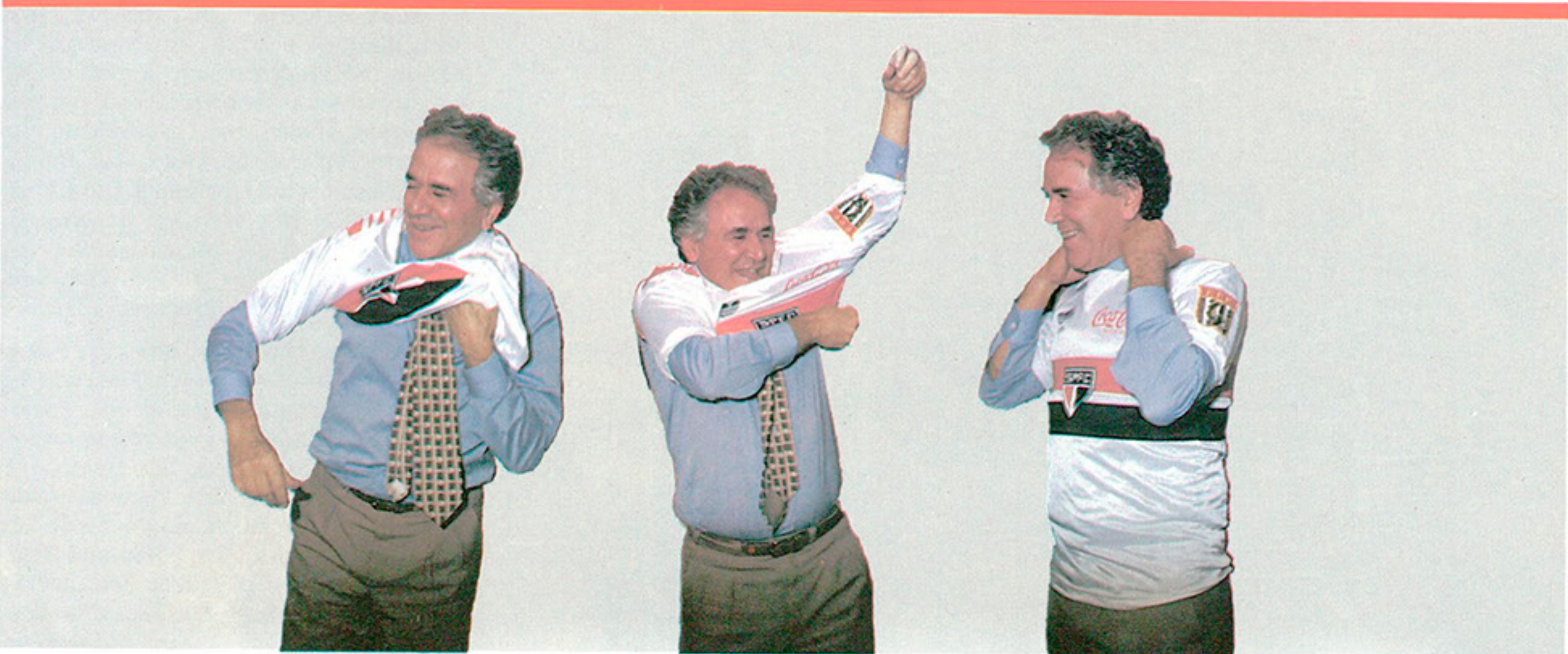
Em seguida, todos foram convidados para um coquetel, com música ao vivo.



O diretor de Futebol, Marcelo Portugal Gouvêa, em seu discurso, elogiou o trabalho de Carlos Alberto e de toda a Comissão Técnica.



Raí, o capitão do time, discursa em nome dos jogadores.



O Presidente Juvenal Juvêncio, emocionado, veste a camisa tricolor com o **escudete** de campeão.



Pedrosa



King



Mario

O São Paulo (quase sempre) começou por um grande goleiro

Como adoradores do deus do gol, os dirigentes do São Paulo, através dos tempos - e, guardadas as proporções de cada época - investiram alto, em atacantes de estilo como Friendenreich, Leônidas, Waldemar de Brito ou Careca. Afinal, era preciso mais do que defesas fortes para derrubar os impérios do Corinthians, Palestra (ou Palmeiras) e do Santos do Rei Pelé.

Quem sabe por isso, o São Paulo nem sempre colocou na sua relação de prioridades, a compra de grandes goleiros. As raras exceções, aliás, só servem para confirmar a regra. Os nossos goleiros, da Floresta ao Morumbi, foram criando raízes, a ponto de se transformarem em verdadeiras instituições.

A história começa com Nestor, elegante goleiro do CA Paulistano (time que se dava ao requinte de usar camisas rendadas e calções de veludo), inspirador do São Paulo, essa notável combinação das elites com as classes laboriosas.

Não que Nestor, ao lado dos outros imortais, Clodoaldo e Bartô, que fizeram sucesso na célebre excursão do Paulistano à Europa na década de 20, tenha ficado muito tempo como titular. No seu primeiro ano de vida, o São Paulo mudou 15 vezes o time, experimentando os 22 jogadores que forjariam a sua primeira geração.

Perfil tricolor - Nestor tinha o perfil do são paulino. Classe média alta, exercendo a fina profissão, na época, de ven-

dedor de automóveis na **chic** agência Cornaldos & Formiga. Elegante e caprichoso, fazia muito sucesso também entre as mulheres, como lembra o imortal ponta direita Luizinho.

Assim Nestor desfrutava ao máximo da mudança das regras em 1930, pois, antes disso, o goleiro que segurasse a bola nos escanteios, por exemplo, seria arremessado com um tranco para dentro do gol, sem que isso representasse infração alguma.

Em 31, ano do primeiro título, Nestor dividiu a posição com Joãozinho, como o nome sugere, um goleiro baixo, que sentia dificuldades - ao contrário de Nestor - em controlar o jogo aéreo.

Moreno foi outro personagem do São Paulo da Floresta, nos seus primeiros cinco anos de penúria. Ao contrário de Nestor, rebatia demais a bola e era considerado pelos companheiros, como um tipo excêntrico. Tanto é que, certa vez, durante a concentração no Hotel São Bento, que pertencia a um Conselheiro do Clube, impaciente com a demora do almoço, apanhou um galo que passeava pelo quintal, arrancando o seu pescoço com uma dentada, para espanto dos companheiros.

Até José Hungarês, que com Jaú e Jarbas formou o célebre trio final do Corinthians, apareceu no gol do São Paulo. Passagem tão efêmera quanto a de Juran-dir, goleirão do pequeno São Bento, que tinha o campo na Ponte Pequena (onde hoje é a pista de atletismo do Tietê), ao lado do São Paulo. Mas, o Palestra, time mais rico, acabou lhe oferecendo melhores condições de trabalho. Para se avaliar de que tipo de goleiro Juran-dir se tratava, basta lembrar que conseguiu tornar-se ídolo, no San Lorenzo de Almagro, da



O elegante Pedrosa. De goleiro a Presidente.



Poy



Sergio



Valdir

Argentina, o país dos maiores goleiros da história do futebol sul-americano.

O grande King - Em 36, na ressurreição do São Paulo FC, o presidente Frederico Menzen viajou de carro ao Paraná para buscar um mulato enorme, peito largo que, por segurar a bola acima da cabeça, com apenas uma mão, ganhou o apelido de **King**, numa evocação do personagem do filme 'King Kong' que empalmava uma indefesa donzela.

O primeiro contrato de **King**, aliás, foi rascunhado em um receituário da Farmácia Santa Clara, do diretor Gumerindo de Luca.

Era a época do **Ponto Chic**, onde se reunia toda a sociedade do futebol, de doutores e estudantes de Direito, até motoristas de praças que, por sinal, tinham a fama de intermediários nos famosos casos de **gaveta**, muitos deles forjados, para garantir-lhes lucro mais fácil.

King, aliás, envolvido em alguns desses casos, chegou - certa vez - a passar a madrugada inteira no Largo Ana Rosa, esperando inutilmente pela visita do intermediário dentro de um carro, enquanto escondidos em outro, diretores do São Paulo aguardavam o momento do

flagrante, como haviam combinado com o goleiro.

King, mais do que ninguém, conheceu as duas faces, tão próximas da popularidade, que considera o goleiro herói ou vilão de acordo com o grau das defesas que faz, ou, das bolas que deixa passar. Na tarde de 8 de junho de 1944, o Santos - então parente pobre do esquadrão que abalaria o mundo na década de 60 - estreava o centro-médio argentino Solér, que abriu a contagem, logo no começo, com um chute do meio-de-campo, que King deixou passar.

Em desagravo ao ultraje do companheiro, aquela máquina de moer ossos, reduziu a pó o adversário, parando nos 9 a 1, só por falta de tempo. Isso, depois de os aspirantes, na preliminar, terem vencido por 14 a 0. A linha nº 23, (soma de 14 com 9), que levava os jogadores do Largo de São Bento ao Canindé, passou então a ser chamada de 'bonde do Santos'.

Em compensação, a 3 de outubro de 1943, com cinco defesas impossíveis, King - que era mais torcedor do que profissional - ao lado de Virgílio, garantiu no zero a zero com o Palmeiras, o primeiro título da década de ouro de 40.

O elegante Pedrosa - Em 38, na fusão com o Estudante Paulista, o São Paulo ganhou mais um grande goleiro, Pedrosa (Roberto Gomes Pedrosa) um dos maiores arqueiros são-paulinos de todos os tempos. Pedrosa era carioca e, antes de mudar-se para São Paulo, defendera o Botafogo e a Seleção Brasileira, na Copa de 34. Pedrosa tinha decidido parar, mas, identificado com a causa do Estudante, resolveu voltar. Com a fusão, continuou no arco do São Paulo. Como pertencia a uma família de posses - seu pai era comissário de algodão - assinou contrato simbólico com o Clube, para ganhar mil réis por mês, já que, pelas leis vigentes, os amadores não podiam jogar entre profissionais.

Em 46, Pedrosa foi eleito presidente do São Paulo e, mais tarde, da Federação



Nos anos 40, dois grandes goleiros: King e Gijo.



Poy e De Sordi, estrelas dos anos 50.

Paulista, onde em 47 instituiu a Lei do Acesso, e, em 50, o Torneio Rio-São Paulo, com o tempo, ampliado para Campeonato Brasileiro de Clubes.

Nos anos 40, o São Paulo, aproveitando as boas relações com o Fluminense (com o qual disputava as Olimpíadas Tricolores, com vários esportes, inclusive futebol), entre outros reforços, contratou Gijo, que teve breve passagem pelo Palestra. Goleiro de nível, mas com um defeito grave: o descontrole dos nervos. Gijo, até nos coletivos, costumava entrar em pânico.

A Era Poy - No fim da década, Sastre descobriu na Argentina, o juvenil José Poy que, pelo Rosário Central, conseguiu segurar sozinho, ainda como juvenil, o ataque demolidor de La Academia, o esquadrão do River Plate, com Muñoz, Moreno, Di Stéfano, Labruna e Lostau. Durante 13 anos, o gol do São Paulo não precisou de outra proteção.

A especialidade de Poy era a saída do gol. Os atacantes que entravam livres com a bola, dificilmente conseguiam marcar, já que ele deixava o gol, protegendo um canto com o pé direito esticado, enquanto cobria o outro, com a mão esquerda. A mão direita ficava sobre a cabeça para impedir as encobertas.

O São Paulo, com o tempo, tornou-se a sua paixão. Na decisão de 50, um artilheiro de um diretor do Palmeiras, que visitou a concentração, para oferecer um apartamento ao goleiro, enquanto exibia dinheiro da venda de outro. Um truque para suggestionar o diretor César Dias, que chegou de repente e assistia à cena ao longe. Quando percebeu a armadilha, Poy entrou em transe e não conseguiu se recuperar. O gaúcho Mário foi escalado em seu lugar e o Palmeiras ganhou por um a zero (gol de Aquiles).

O inglês Mr. Bradley (chamado de **Signore Bradeli**, por ter passado a semana do jogo no sítio do diretor do Palmeiras, Antonio Barone) anulou, por impedimento, um gol inatacável de Teixeira, segundo o testemunho da imprensa da época.

Com Poy, o São Paulo foi campeão em 53 e 57 somente, porque o Clube concentrava seus esforços na construção do Morumbi.

Mesmo depois de encerrar a carreira, decorridos 13 anos e 565 partidas como goleiro do São Paulo, Poy continuou na função de técnico das divisões inferiores. E, quando subiu, foi campeão em 75, com uma série invicta de 44 partidas.

São Sérgio (Valentim) - Nos anos 70, apareceu no Morumbi, um goleiro (Sérgio Valentim) que faria a crítica trocar o nome do clube para São Sérgio, tantos os milagres que fez no campeonato de 71, início da fase de consolidação do futebol, depois da inauguração do "Cícero Pompeu de Toledo".

Em 73, exatamente no dia 27 de agosto, o presidente da Ponte Preta, Sérgio Abdalla, amigo pessoal do governador e presidente do São Paulo, Laudo Natel, vendeu ao Tricolor Valdir Perez e Chicão por 700 mil cruzeiros.

Da maneira como Valdir começou, ninguém no São Paulo teve a inspiração de ver nele o goleiro notável que foi no



Poy, um arqueiro de grande técnica.



Valdir, frieza e elasticidade.



Hoje, para defender o arco são paulino, dois goleiros de seleção: Gilmar e Rojas.

Tricolor. Menos o técnico Poy, que conhecia todos os segredos da posição. Valdir tinha a mente fria e o corpo quente. Só mesmo um goleiro com os seus reflexos poderia ter defendido dois pênaltis de Breitner em Stuttgart pela Seleção Brasileira.

Nessa altura, porém, ele já era considerado **O Feiticeiro dos Pênaltis**, apelido que ganhou na decisão do título de 75, no Morumbi. Com a sua guerra fria, defendeu três pênaltis de Dicá (o juiz, Dulcídio, mandou voltar dois). Provocado por ele, Wilsinho acabou chutando a bola por cima. E, o pênalti de Tata, Valdir defendeu com o pé, no maior deboche.

Na decisão de 78 no Mineirão, quando o São Paulo conquistou o seu primeiro título brasileiro (Campeão Brasileiro de 77), com a sua fama de mago, fez a torcida e o time do Atlético tremerem na decisão. Assim Toninho Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio chutaram três pênaltis fora.

O grande Valdir - Não que Valdir não tenha engolido o amargo pó do fracasso. O **frango** contra a União Soviética, na Copa da Espanha ou, para os são paulinos, a inofensiva cabeçada de Vaguinho, naquele jogo do Parque Antártica em 76 (quando a bola passou entre as pernas, provocando uma cambalhota para a frente) apenas, despertaram nele um sorriso cínico. Esta a sua maneira de tratar o fracasso, dedicando-lhe o desprezo, em vez de sucumbir em pânico.

Com Valdir o São Paulo foi campeão paulista três vezes (75, 80 e 81), conquistou o título brasileiro de 77 e chegou a vice-campeão da Taça Libertadores da

América em 73.

O seu magnetismo obrigou o São Paulo a contratar dois goleiros de seleção para substituí-lo, o gaúcho Gilmar e o chileno Rojas, em outro mergulho no passado. Em 45, aliás, deslumbrados com a atuação de Amadeo Carrizzo, simples reserva do River Plate, os diretores sonharam contratá-lo, mas desistiram quando souberam do preço de seu passe.

Reminiscências, talvez, do estranho episódio ocorrido, no início dos anos 40, quando o técnico (ex-juiz e ex-jornalista Jorge de Lima, o **Joreca**) revendeu o passe do argentino Cuello, ao Clube. Os contemporâneos como Yeso, Noronha e Luizinho dizem que ele seria o goleiro de todos os tempos, pelo que exibia nos treinos. Afinal, tinha sido titular da incomparável Seleção Argentina dos **Años Locos**.

- Ele era um galã de cinema. Quando parava em frente ao Juca Pato, na Avenida São João, até os homens paravam para olhá-lo - testemunha Noronha, sem ser desmentido pelos ex-companheiros.

O astro da reserva - Certo dia, em um jogo com o Vasco em Niterói, Cuello recusou-se a ser escalado por Joreca. Aí nunca mais entrou e, embora não jogasse, o São Paulo - clube que jamais deixou de pagar uma dívida - honrou o seu contrato até o fim. Quem sabe, era isso que Cuello desejava...

Era preciso cautela com certos estrangeiros. Que o diga Vicente Feola, inconsolável depois da decisão do título de 56, na noite de 3 de janeiro de 57. Em um esforço sobre-humano, a Diretoria sem dinheiro conseguiria montar um time

competitivo.

Para o gol veio o argentino Bonelli, o titular na noite em que seria decidido o título em uma só partida (o São Paulo recusou a melhor de três). O Corinthians que facilitou o jogo para o Santos, quando um empate daria o título ao São Paulo, tumultuou mais ainda aquela final.

Os jogadores do Santos já estavam vestidos e batendo bola nos vestiários do Pacaembu, quando bate à porta o lívido presidente do Corinthians, Alfredo Ignácio Trindade. Minutos depois o presidente Modesto Roma, que se trancou no banheiro com Trindade, trêmulo, chamou Lula e mandou retirar Hélvio e Ivan do time. Substituídos por Wilson Francisco Alves e Feijó. Ambos nem ousaram reclamar.

Os astros pareciam ajudar o São Paulo, já que aos 9 minutos, em uma falha de Feijó, Zezinho fez 1 a 0. Aos 22 minutos, Bonelli abandona o gol inexplicavelmente e Mauro teve de cortar com a mão, uma cabeçada de Tite. Pênalti que Feijó, se reabilita, aproveitou.

Aos 40 minutos, falha de Wilson - imaginem! - e o esperto Zezinho faz 2 a 1. No segundo tempo, o Santos enfurecido partiu para o ataque. Aos 13 minutos Del Vecchio passa por Vitor, outra saída incompreensível de Bonelli e Tite aproveita, de cabeça, para marcar. Aí o Santos passou por cima do adversário com outros dois gols de Del Vecchio. E, não apareceu ninguém nos vestiários do São Paulo para explicar o que havia acontecido com Bonelli...

Sérgio Baklanos





Um oceano tricolor, levando o time para frente.

ROLANDO DE FREITAS

Os Campeões da Arquibancada

Sete grupos de apaixonados formam as torcidas uniformizadas do São Paulo FC. Eles estão com o time em todos os estádios.

Mesmo não gostando de futebol, é impossível ficar insensível à agitação das torcidas uniformizadas. Quando os jogadores entram em campo e a galera se levanta sacudindo as bandeiras, o estádio inteiro colorido gritando o nome de seu time é um espetáculo fascinante.

No entanto, poucos sabem, exatamente, como funcionam as torcidas uniformizadas. Semelhante a qualquer agremiação, elas têm problemas, conhecem tempos de glórias e, também, os de declínio e esvaziamento. Elas possuem simpatizantes e inimigos, pessoas que as culpam pela violência nos estádios e há até os que desejam ver o seu fim.

Com tudo isso, elas vêm sobrevivendo. Só o São Paulo FC possui sete: **Tusp**, **Independente**, **Dragões**, **Sampa Show**, **Real**, **Orgasmo** e **Garra Tricolor**. Muitas já surgiram e desapareceram pois, segundo seus integrantes, não é fácil levar uma torcida. "É preciso muita dedicação, trabalho duro e uma paixão

enorme pelo Clube".

As sete. A mais antiga torcida do Brasil é a **Tusp**, que tem suas origens remotas no Grêmio são paulino, fundado em 1939 por Manoel Raymundo Paes de Almeida. Desde 1970, ela é presidida por Hélio Silva, ex-praticante de luta livre e, atualmente, assessor do vereador Valter Abrahão.

Hélio orgulha-se de ter pendurado a bandeira do São Paulo em quatro Copas do Mundo e de ter levado a **Tusp** em todas as Libertadores que o Clube disputou. "Sou são paulino de ventre", afirma ele.

Reginaldo Tadeu Batista de Souza, o Adamastor, é o líder da **Independente**, criada em 1972 e a maior uniformizada do São Paulo, com mais de oito mil sócios.

No momento, Adamastor está empenhado em mudar a imagem da **Independente**. "Queremos que as pessoas venham à sede nos conhecer e ver como funciona uma torcida, para saberem que não somos um bando de baderneiros, mas pessoas que trabalham, estudam e dão muita força ao São Paulo", argumenta.

A **Dragões da Real Força Jovem** surgiu em 1984 como resultado da fusão de duas outras torcidas e é das poucas a contar com patrocínio de várias empresas. Ela tem até um assessor de marketing encarregado de conseguir as firmas. Seu presidente, Aparecido Donizeti da Rosa, explica que é muito difícil manter a torcida



As bandeiras marcam a presença das torcidas

sem ajuda externa. "Recebemos muitas críticas, mas as pessoas não sabem as dificuldades que enfrentamos".

A **Sampa Show** tem três anos e é considerada uma torcida em ascensão. Para o presidente Marco Antônio Vaz, o maior problema das uniformizadas é a hostilidade das pessoas. "Se esquecem de que damos incentivo ao time e embelezamos o estádio".

Em novembro de 83, surgiu a **Real Tricolor**, fundada por Jarbas Lima Mortari. "A torcida é como uma família, cada vez que a gente viaja, volta mais unido", diz Jarbas que, inclusive, conheceu sua mulher graças à **Real**. "Encontrei um cara no Morumbi, o convidei para entrar na torcida e acabei me casando com a irmã dele".

Com um nome polêmico e muitas dificuldades, a **Orgasmo Tricolor** passa por um momento difícil, mas, segundo seu presidente, Alexandre Loureiro Teixeira, ela vai sobreviver. Criada em 86, essa torcida já enfrentou muitas barreiras em estádios por causa de seu nome que, no entanto, foi proposital. "Queríamos algo que chamasse atenção e não fosse agressivo", explica Alexandre que afirma ser muito grande a procura de camisetas com o nome da torcida.

A caçula das uniformizadas do São Paulo é a **Garra Tricolor**, criada há apenas cinco meses. O presidente Maurício Costa Marins está trabalhando duro para que ela cresça e já conta, inclusive, com o patrocínio de uma loja de calçados. "Nós vamos levar garra para o Tricolor, onde quer que ele vá jogar", promete.

Recursos. De uma forma geral, as torcidas uniformizadas sobrevivem das mensalidades dos sócios (entre NCz\$ 1,00 e NCz\$ 2,00 por mês), mais a venda de camisetas, bonés e adesivos. Fora isso, têm algumas fontes de renda eventuais e uma delas é a caravana.

Nos jogos fora da cidade, o São Paulo cede os ônibus para as uniformizadas, que cobram uma taxa dos torcedores. O dinheiro é empregado na confecção de faixas e bandeiras, aluguel das sedes, quando não são próprias, compra e manutenção dos instrumentos musicais e outras despesas.

Nesse campo, as torcidas usam a criatividade. Vale tudo para conseguir recursos. Bingo, festa do chopp, rifas e até uma choradilha no São Paulo quando a situação aperta. Além disso, estão sempre



As torcidas tricolores embelezam o estádio e incentivam o time são paulino

abertas a doações, vindas de são paulinos em melhores condições financeiras e simpatizantes das torcidas.

Um outro meio de sobrevivência que vem sendo utilizado por algumas delas é o patrocínio e a **Dragões** vai até transformar sua sede em comitê político durante a campanha à presidência da República.

Além dos ônibus, o São Paulo dá, também, 50% de desconto nos ingressos

dos jogos realizados no Morumbi para o torcedor uniformizado.

Violência. Com exceção de alguns casos isolados, de acordo com os dirigentes das uniformizadas do São Paulo, os maiores problemas de violência entre torcidas acontecem com as do Palmeiras, principalmente a Tup e a Mancha Verde que, segundo eles, preparam emboscadas em determinados locais para pegar as torcidas. "Uma vez nos cercaram na avenida Rebouças e entraram no primeiro ônibus armados de revólver, escopeta e coquetel molotov", conta Adamastor, da **Independente**. "Deram pancada até em crianças e apedrejaram os ônibus onde não puderam entrar. E o jogo nem tinha sido entre Palmeiras e São Paulo".

Mas violência não acontece só na Capital e os torcedores são unânimes em reconhecer que saiu de São Paulo a coisa fica difícil. Para eles, tanto o interior do Estado quanto outros estádios do Brasil não oferecem a menor segurança. "Os clubes vêm jogar aqui e têm toda assistência. Lá fora, parece que nem a polícia gosta de paulistano", reclama Donizeti, da **Dragões**.

No Maracanã, em 86, no jogo São Paulo e América, houve um grande tumulto. Todas as torcidas cariocas se juntaram contra os paulistas e foi uma pancadaria geral. "Ficamos seis horas parados por causa da confusão", relembra Marco Antonio, da **Sampa**.

Os presidentes afirmam que a solução é evitar o confronto entre as torcidas, mas não acabar com elas. "Se as uniformizadas acabassem, a violência aumentaria porque a gente conhece as pessoas e pune quem sai da linha, o que seria impossível controlar se não existisse a torcida, ia entrar todo mundo e seria muito pior", justifica Maurício, da **Garra**.

Para Hélio Silva, da **Tusp**, as uniformizadas do São Paulo devem ser como o Clube. "No Tricolor, as crises são passageiras, prevalece o diálogo, e é assim que devem fazer as torcidas, dar o exemplo para as outras", afirma.

Os dirigentes das torcidas afirmam que num clube como o São Paulo, onde o torcedor não tem o hábito de ir em massa ao estádio, a não ser em jogos decisivos, a importância das uniformizadas é ainda maior. "Nós somos fundamentais para o Clube. Representamos 90% dos torcedores", garante o líder da **Independente**.

(Vera Helena Rodrigues)



Jarbas (Real), Alexandre (Orgasmo), Donizeti (Dragões), Hélio (Tusp), Adamastor (Independente), Maurício (Garra), e Marcos (Sampa).

Renatinho, agora a volta ao time

O ano de 1989 não tem sido muito bom para o meia Renatinho. Exatamente quando se firmava no time titular do São Paulo, o atleta sofreu, no mesmo joelho, duas contusões diferentes, que o levaram por duas vezes à mesa de cirurgia. "Ao bater na bola com a perna esquerda, o Renato sentiu dor no joelho", explica o médico do Tricolor, Dr. Marco Aurélio de Almeida Cunha. "Foi constatada uma lesão parcial do menisco lateral, o que acabou por forçar a realização de uma artroscopia no joelho esquerdo".

Renatinho foi operado no dia 7 de abril, pela equipe dos Médicos Marco Aurélio e Renê Abdalla, e ficou em recuperação por 34 dias no Centro Médico e Fisioterápico do Clube.

Ao retornar às partidas, porém, nova contusão: em seu 4º jogo, contra o EC Santo André, dia 28 de maio, o atleta sofreu um traumatismo no mesmo joelho. Desta vez, uma lesão do ligamento do menisco tibial, aliada à desinserção (descolamento) do menisco medial, levou Renatinho novamente à cirurgia, para uma nova artroscopia e rafia do ligamento lesionado, realizada dia 31 de junho. "Felizmente, não houve lesão da cartilagem meniscal", afirma o Dr. Mauro Aurélio.

A coincidência de duas artroscopias realizadas no mesmo joelho levou muitos a afirmarem que o atleta tinha voltado muito cedo aos treinamentos com bola, acusação contestada pelo médico do Tricolor. "Foram duas lesões diferentes, ocorridas em áreas distintas do mesmo joelho, apenas isso. Não houve, de maneira nenhuma, um retorno antecipado e,



O meia Renatinho só pensa em recomeçar os treinamentos e voltar ao time

sim, a triste coincidência de uma nova lesão. A segunda contusão poderia também ter ocorrido no joelho direito", afirma Marco Aurélio.

Renatinho já iniciou os trabalhos fisioterápicos no Centro Médico do São

Paulo, acompanhado pelo fisioterapeuta Luís Rosan e pelo auxiliar Sandro Cunha. De acordo com a previsão do médico, o atleta deverá voltar aos treinamentos normais por volta da segunda quinzena de agosto.

(Tônia Azevedo)

Nome: Renato de Grandi Sampaio
Pais: Ayrton Oliveira Sampaio e Sílvia de Grandi Sampaio
Local de nascimento: São Paulo/ SP
Idade: 24 anos
Estado civil: casado
Esposa: Ana Lúcia
Filhos: Luciana e Guilherme
Signo: Gêmeos
Formação Educacional: Colegial completo
Onde começou a jogar: São Paulo Futebol Clube
Posição: Meia-esquerda
Como gosta de jogar: "Para frente"
Características de jogo: "Lançamento e chutes a gol"
O que o faz diferente como jogador: "Meus chutes de longa distância"
Meta profissional: "Me firmar como titular no São Paulo"
Cor preferida: "Amarelo"
Prato preferido: "Risoto de camarão"
Superstições: "Não tenho"
Lazer preferido: "Andar de kart"
Autor favorito: "Walt Disney"
O que levaria para uma ilha deserta? "Comida"
Seu melhor amigo: "Marco Aurélio, médico do São Paulo"
O melhor colega de profissão: "Zé Teodoro"
Time do coração: "São Paulo, desde pequenininho,

de verdade!"

Um ídolo: "Falcão"

Uma grande idéia: "Casamento..."

Futuro: "Não sei"

Um cidadão do mundo: "Pelé"

O homem do século: "Uma mulher: Madre Teresa de Calcutá"

Um guia da humanidade: "Gandhi"

Um craque: "Maradona"

Um clube: "Flamengo - por causa de Zico"

Um dirigente: "Juvenal Juvêncio"

Um técnico: "Cilinho"

Se não fosse jogador, o que gostaria de ser: "Empresário"

Um lance decisivo: "Meu joelho, operado duas vezes neste ano"

Uma paixão: "Animais"

Um desejo: "Jogar uma Copa do Mundo"

Uma mulher nota 10: "A minha, lógico!"

Um homem admirável: "Maluf"

Um político: "Jânio"

A Seleção que você escalaria: "Tafarel, Jorginho, Mozer, Ricardo (SP) e Nelsinho; Cerezo, Silas e Pita; Müller, Careca e Romário"

Quem você gostaria de ter no São Paulo: "Bebeto"

O que mais detesta: "Dirigir no trânsito"

Nossas próximas atrações



Violão Os que gostam de música não podem perder essa oportunidade. Ainda há vagas para o curso de violão da professora Ana Cláudia César.

O curso oferece quatro opções de horários, entre 17h00 e 21h00, sempre às quartas-feiras. As aulas têm duração de uma hora e o primeiro período é só para iniciantes. Os que já possuem uma base, podem escolher entre os três restantes, de acordo com sua disponibilidade de tempo e o preço é 13,00 por mês. As turmas são divididas para facilitar o aprendizado e permitir um maior desenvolvimento musical dos participantes.

No dia 24 de novembro, os alunos da professora Ana Cláudia estarão apresentando o que aprenderam durante as aulas, numa exibição no salão de festas do Clube, às 22h00.

Fotografia Atenção fotógrafo amador!

Aqui está a oportunidade para você melhorar a sua performance. A Kodak estará proporcionando, nos dias 23 e 24 de agosto, um curso inteiramente grátis para fotógrafos

amadores que possuam câmeras 35 mm.

Trata-se de um programa expositivo com uso de recursos audiovisuais, através dos quais os participantes poderão aprimorar seus conhecimentos na área.

As inscrições vão até o dia 22 de agosto, na Gerência Social, e as aulas serão ministradas pelo professor Paulo Renato Pereira das 19 às 21h30, no salão de festas.

Segundo o professor, a intenção da Kodak é despertar nas pessoas, além do valor de registro e recordação da fotografia, também o seu lado artístico.

Tricô Para você que gosta de trabalhos manuais, estão abertas as inscrições ao curso de tricô Pingouin.

O trabalho com as agulhas é considerado por muitos como uma terapia, proporcionando um verdadeiro relax a seus adeptos. Mas, além de terapêutica, a atividade pode ser encarada, também, como de extrema utilidade. Afinal, com o inverno, é ótimo saber confeccionar aquelas lindas malhas coloridas que se vê nas revistas e que, à primeira vista, parecem autênticos quebra-cabeças.

As aulas são às quartas-feiras das 14h00 às 17h00 e às sextas das 14h00 às 18h00, na sala 77, e o curso é gratuito. Informe-se na Gerência Social.

Microondas Hoje em dia, o importante é ganhar tempo. Na maioria dos casais modernos, a mulher também trabalha

fora e é sempre bom desenvolver um estilo de vida prático, que facilite as coisas para todo mundo. É por isso que a Sharp está oferecendo um curso de microondas com dicas de pratos rápidos e variados aos interessados em deixar de encarar a cozinha como um problema.

As inscrições podem ser feitas na Gerência Social a partir do dia 14 de agosto e o curso acontecerá de 12 a 14 de setembro das 14h00 às 16h00, no salão de festas.

Vinhos Se você é um apreciador de vinhos e deseja saber mais a respeito dessa tradicional bebida, participe no próximo dia 8 de setembro do curso que a Seagran estará oferecendo no salão de festas, às 20h00, inteiramente grátis. Os participantes receberão informações desde como é elaborado o vinho, passando pelas diversas formas de servi-lo até sua combinação com os pratos e a ocasião.

A aula terá a duração de uma hora e meia e será ministrada por um enólogo famoso, destacado especialmente para o evento. As inscrições já estão abertas e maiores informações podem ser obtidas na Gerência Social.



Baile das Debutantes

No próximo dia 29 de setembro, será realizado o sofisticado Baile das Debutantes do São Paulo que promete, como nos anos anteriores, ser inesquecível para as 18 meninas que dele participarão. O salão de festas será decorado com motivos românticos e delicados e a festa contará com o som da Banda do Engenho e o delicioso buffet da churrascaria Golden Beef.

E para tornar o cenário ainda mais perfeito, estarão presentes, também, os cadetes da Academia da Polícia Militar do Barro Branco que, ao som de violinos, acompanharão as debutantes na valsa. Segundo o Diretor-Social, José Francisco Alarcão, essa é uma das mais bonitas festas realizadas no Clube, além de bastante tradicional. "Nosso associado a procura confiante de que terá o melhor para sua família".



Algumas das debutantes e a alegre expectativa para o baile do dia 29

ADHEMAR FERREIRA DA SILVA

O Superatleta Sãopaulino

Recordista olímpico em 52 e 56, o campeão de salto triplo, hoje com 61 anos, fala a Luiz Carlos Ramos de sua carreira e dos títulos que conquistou defendendo as cores do São Paulo Futebol Clube.

O grande sãopaulino Adhemar Ferreira da Silva não sabe a escalação do time campeão paulista de futebol de 1989.

Mas esse grande sãopaulino tem sua fotografia em lugar de destaque no estádio do Morumbi e se orgulha de ter dado ao São Paulo as duas estrelas douradas que enfeitam a bandeira tricolor. As duas estrelas anunciam, há mais de 30 anos: o Clube é bicampeão olímpico pelos saltos triplos de Adhemar.

Aos 61 anos de idade, o bicampeão de salto triplo das Olimpíadas de Helsinque (1952) e Melbourne (1956), várias vezes recordista mundial, ainda luta pelo esporte. No momento, Adhemar defende, nos meios internacionais, a inclusão da cidade de São Paulo no Grand Prix anual de atletismo para trazer ao Brasil os "superatletas" de outros países.

O próprio Adhemar Ferreira da Silva foi um "superatleta" em toda a década de 50, quando competiu pelo São Paulo Futebol Clube, pela equipe do Brasil e pelo outro clube de sua vida, o Vasco da Gama, do Rio. As marcas de 16 metros e 22, em Helsinque, e 16 metros e 56, na Cidade do México, chegaram a ser consideradas históricas por especialistas internacionais em atletismo, que viram no atleta brasileiro um verdadeiro fenômeno.

Foi no São Paulo, em 1947, época do Canindé, que Adhemar conheceu o salto triplo e começou a treinar e a competir com impressionante desenvolvimento. Com a camiseta tricolor, foi nove vezes campeão paulista e levou o distintivo do Clube para a Olimpíada de 1952, em que conseguiu bater quatro vezes o recorde mundial.

"Tenho orgulho de ter competido por esse Clube que, apesar de ter surgido do futebol, também destacou-se por incentivar os outros esportes", diz Adhemar Ferreira da Silva, em sua casa, no bairro da Casa Verde. Ao relembrar sua gloriosa carreira, ele nunca deixa de fazer referências ao papel de seu técnico, Dietrich Gerner, que, aos 76 anos, mora em Ribeirão Pires: "Para mim, é também pai e amigo. Para o atletismo do São Paulo, Gerner foi o centro de tudo, um treinador de fato competente".

Na sala de visita, estão troféus e fotos que contam a história de uma carreira sem limites. "Sou da Casa Verde e só saí daqui para morar seis anos no Rio e três na Nigéria", conta o paulistano Adhemar, de origem pobre, nascido em 28 de setembro de 1927: "Além de tudo, Gerner me garantiu o caminho da evolução social. Com o esporte, foi possível estudar e conhecer o mundo".



Adhemar consegue o bicampeonato em Melbourne (1956) com novo recorde olímpico.

Um "superatleta" poderia estar rico, talvez como Carl Lewis, que fatura milhões de dólares por ano para competir e fazer propaganda. No entanto, a riqueza de Adhemar é outra: "Nunca recebi um tostão do São Paulo", diz, de modo entusiasmado. "Apesar disso, sempre me esforcei ao máximo, qualquer que fosse a competição". Sua riqueza está no fato de ter conhecido o mundo inteiro e, ainda hoje, ser reconhecido em alguns países. "Há lugares em que se lembram perfeitamente de meus títulos olímpicos, ao contrário do que acontece no Brasil, onde logo esquecem os campeões que não são do futebol".

O São Paulo reconhece a importância do antigo recordista do salto triplo: nos anos 50, foram bordadas na bandeira tricolor, na parte superior do distintivo, as duas estrelas que correspondem às medalhas de ouro conquistadas nas duas Olimpíadas. Além disso, uma foto de Adhemar, em pleno salto, enfeita o saguão ao lado dos vestiários de futebol do estádio do Morumbi. O reconhecimento é também traduzido pela concessão do título de "sócio honorário e campeão", com direito a levar a família ao Clube.

No entanto, ninguém deve perguntar a esse grande sãopaulino os nomes dos principais jogadores do atual time do São Paulo. "Que me desculpem aqueles que se sentem decepcionados com minha postura. Mas, na verdade, nem vejo jogos de futebol", afirma Adhemar. Ao ser informado de que sua entrevista em São Paulo Notícias seria a reportagem de capa desta edição, ele teve uma grande surpresa. "É nisso que o São Paulo mostra ser diferente dos outros clubes. Cabe aos dirigentes incentivar esportes maravilhosos, como o atletismo".



São Paulo, 1954: Adhemar repete os 16 m 22 da Olimpíada de Helsinque.



Adhemar com as duas medalhas de ouro olímpicas, ao lado de seus troféus.

Quatro títulos e três recordes

No seu primeiro salto, Adhemar Ferreira da Silva atingiu 12,89 m. Logo depois, em 47, passou, sucessivamente, a 13,56 m, 14,22 m e 14,64 m. E ganhou a primeira taça.

A pequena taça prateada insignificante entre os troféus reunidos na sala de Adhemar Ferreira da Silva. A inscrição, porém, é histórica: "Quatro Títulos, três recordes, 1947".

Foi em 1947 que Adhemar, então com 19 anos, mostrou curiosidade ao acompanhar um treino de atletismo do São Paulo, no Canindé. Quem praticava o salto triplo era Ewald Gomes da Silva, mais tarde presidente da Federação Paulista de Atletismo e da Confederação Brasileira de Atletismo, ultimamente Conselheiro do Tricolor, antigo apaixonado pelo esporte, falecido em 1986. "Ewald me explicou como era e resolvi tentar", conta Adhemar, lembrando que seu tipo físico, longilíneo, favorecia aquela especialidade atlética. "Com o técnico Dietrich Gerner me orientando, evolui

muito rápido".

Gerner, um alemão que se apaixonara pelo Brasil, treinava a equipe de atletismo do São Paulo desde o começo da década de 40, acumulando títulos. O segredo do sucesso é lembrado por Adhemar: "Ele não apenas conhecia os detalhes técnicos das corridas, arremessos e saltos como também se interessava pelos problemas de cada atleta. E atletismo, no Brasil, sempre foi praticado por gente pobre. Como eu".

O primeiro salto de Adhemar chegou a 12 metros e 89. A evolução, em 1947, foi mesmo impressionante: 13 metros e 56 no dia 1º de junho, 14 metros e 22 apenas dez dias depois, 14 metros e 64 em 18 de junho. Com isso, foram conquistados quatro títulos e a pequena taça prateada com distintivo do São Paulo que Adhemar mantém na sala. "Fui campeão sucessivamente nas categorias novos, juniores, qualquer classe e adultos". Com isso, estavam abertas as portas para as competições internacionais. Em 1948, Adhemar foi à Olimpíada de Londres e terminou em 11º lugar, ganhando experiência. O melhor ainda estava por vir.

Em 2 de dezembro de 1950, ao disputar o Campeonato Paulista, no clube Tietê, com a camisa do São Paulo, Adhemar igualou, com 16 metros, o recorde mundial que o japonês Tajima havia estabelecido em 1936. Já em 30 de setembro de 1951, na pista do Fluminense, no Rio, o atleta são paulino superou, por um centímetro, a marca de 15 anos: saltou 16 metros e 1 centímetro. "Gerner me orientava muito bem. Eu ampliava os saltos e

nunca **queimava**". A expressão **queimar** faz parte do jargão dos conhecedores de atletismo e ficou mais conhecida em 1980, quando os brasileiros viram a transmissão da Olimpíada de Moscou pela TV: os árbitros anularam saltos de João Carlos de Oliveira, alegando que o pulo tinha começado além da marca regulamentar.

Helsinque, capital da Finlândia, Olimpíada de 1952. Lá estava Adhemar Ferreira da Silva, com sua camiseta do Brasil, número 62 ao peito, coberto com um agasalho branco em que aparecia o distintivo do São Paulo: "O agasalho foi presente do dono da loja Esportes Moura e as cores de meu clube me deram sorte". Com sorte e, acima de tudo, competência e muita "garra", Adhemar conseguiu sua primeira medalha de ouro olímpica. Na final do salto triplo, em 23 de julho, ele tinha direito a seis tentativas: foram seis desempenhos perfeitos, com quatro resultados superando seu antigo recorde de 16 metros e 1. Pulou 15 e 95 no primeiro, depois alcançou 16 e 12, caiu para 15 e 47, mas reagiu em seguida com 16 e 9, manteve o nível com 16 e 4 e encerrou a participação levando o recorde mundial a 16 e 22.

"Foi uma emoção ouvir o Hino Nacional Brasileiro. Uma pena o Gerner não ter ido. Os dirigentes do Brasil alegavam que um alemão não poderia integrar nossa delegação", comenta Adhemar. "Recebi convites para competir em outros países. Aceitei o do Japão, onde encontrei Tajima e outros antigos campeões do salto triplo. Senti que minha vitória em Helsinque anulou o espírito derrotista de uma parte da imprensa".

Adhemar perdeu a condição de recordista, mas recuperou em 1955, na Cidade do México, saltando 16 metros e 56. Ainda conquistou a segunda medalha de ouro olímpica em 1956, em Melbourne, na Austrália, com 16 e 35. No final de carreira, em 1960, disputou sua quarta Olimpíada, a de Roma, e, mesmo doente, saltou 16 metros e 6, terminando em 11º lugar. "Sempre aparece o número um. Fui primeiro duas vezes e 11º também duas", relembra.



Dietrich Gerner e Adhemar Ferreira da Silva: o professor e o atleta de volta da competição no exterior.



Japão 1952, Adhemar salta como campeão olímpico na terra do antigo recordista, Tajima.

“Eu me sinto envergonhado”

Para o bicampeão olímpico de salto triplo, os esportes amadores jamais tiveram a ajuda oficial ou privada que deveriam ter. Só os fenômenos conseguem destacar-se.

Em 68 anos de histórias em Olimpíadas, o esporte brasileiro conquistou apenas sete medalhas de ouro. Pouco mais da quarta parte dessas medalhas pertence a apenas um homem: o são paulino Adhemar Ferreira da Silva. No entanto, o próprio Adhemar acha que esse detalhe não deve ser motivo para entusiasmo. “Como brasileiro, me sinto envergonhado”, disse ele a **São Paulo Notícias**. “Usei essa mesma frase ao responder, no ano passado, ao então ministro da Educação, Hugo Napoleão, que queria saber como eu me sentia com minhas duas medalhas de ouro”.

Na opinião de Adhemar, o esporte brasileiro está excessivamente voltado para o lado profissional. “É uma grande preocupação com os jogadores de futebol. Os destaques de outros esportes são fenômenos isolados, como aconteceu com Maria Esther Bueno, Emerson Fittipaldi, Nelson Prudêncio, João Carlos de Oliveira. E como aconteceu comigo, numa época em que o País só se preocupava com o futebol”.

Adhemar Ferreira da Silva diz que estão certos os dirigentes do São Paulo que procuram incentivar os demais esportes. Ele já superou a decepção tida com o clube, na década de 50, quando mudou-se para o Rio e passou a defender o Vasco. “Em 1955, eu tinha perdido um emprego público em São Paulo e fui para o Rio para estudar e trabalhar. Um dia, o São Paulo cassou o título que me havia entregue como atleta campeão, com direito a frequentar suas instalações. Fiquei aborrecido, pois eu estava indo para outra cidade

de porque precisava e nunca fui de pular de galho em galho, tanto que só tive dois clubes em minha carreira toda. Não deixava de ser uma ironia, a bandeira Tricolor com duas estrelas de ouro e o atleta responsável por elas despojado de uma honraria. Mais tarde, porém, o erro foi corrigido e recebi o título de volta, com várias homenagens no Morumbi”.

Em sua residência, na Casa Verde, Adhemar relembra com a esposa Elza, companheira desde 1953, as dificuldades de quem pratica atletismo: “No Brasil, não existe incentivo. Felizmente, o São Paulo e eu tivemos o Gerner”. Ao lado, o neto Diego, de cinco anos, é a alegria da casa e já ensaia, na sala, o salto triplo que foi a glória do avô. O retrato da cantora Adyel, mãe de Diego, é outro orgulho ao lado dos troféus. “Ela está conseguindo sucesso”, diz Adhemar ao comentar a carreira da filha.



Adhemar, em sua residência no bairro da Casa Verde em São Paulo, com a esposa Elza e o neto Diego.

Adhemar Ferreira da Silva parou de competir em 1960. Em 1954, foi adido cultural do Brasil em Lagos, na Nigéria. “Fiquei lá durante três anos e acredito ter feito um bom trabalho para o Itamaraty. Um dia, fui assistir a uma competição de atletismo em Lagos e o presidente nigeriano Nandi Azikiwe me chamou à tribuna para dizer que eu não o conhecia, mas que ele me conhecia. Tinha estado em 1952, em Helsinque, para assistir à Olimpíada, e acompanhou minha vitória. Seu filho Chuma acabou sendo também atleta de salto triplo e a Nigéria mostrou evolução nessa especialidade na Olimpíada de 1984, em Los Angeles”.

Atualmente, Adhemar trabalha como assessor na Secretaria Estadual da Promoção Social, exerce o cargo de presidente da Associação das Empresas Patrocinadoras do Esporte e faz parte da diretoria da Confederação Brasileira de Atletismo. Em julho, esteve na pista do Conjunto Esportivo “Constância Vaz Guimarães”, no Ibirapuera, acompanhando o Troféu Brasileiro, e viaja em agosto para a Europa, com o dirigente Victor Malzoni: “Vamos acompanhar competições internacionais na Bélgica e em Mônaco e exercer um **lobby** para fazer com que o **meeting** anual do Ibirapuera se transforme em uma etapa do Grand Prix, capaz de trazer os principais atletas do mundo a São Paulo”.

Adhemar fala desse projeto com o entusiasmo de quem começou a saltar em 1949. Advogado, professor de Educação Física, ele fala vários idiomas, conhece o mundo inteiro e guarda o violão que levou à Olimpíada de 1952. “A vida nos reserva decepções e amarguras, mas tem seu lado bom e é preciso continuar lutando para o Brasil melhorar”.



O testemunho do jornalista

“Era o ano do 4º Centenário de São Paulo. Se nossa cidade completava 400 anos e não passava dos 3 milhões de habitantes, eu tinha dez anos e começava a descobri-la. A avenida São João era o centro alegre e limpo dos cinemas, os bondes percorriam as ruas, o prefeito Jânio Quadros fazia promessas de obras e moralização. O Brasil tinha Getúlio Vargas como presidente, uma inflação que nunca chegava a 20% ao ano e uma seleção de futebol que tentaria compensar, na Copa do Mundo da Suíça, a frustração com a derrota na final de quatro anos antes, no Maracanã. O mundo era de Dwight Eisenhower, Mao Tsetung, Charlie Chaplin, Marilyn Monroe, Emil Zatopek e Adhemar Ferreira da Silva.

Naquele ano, 1954, foi realizado o Campeonato Sul-Americano Extra de Atletismo, no Estádio do Pacaembu, co-

mo parte dos festejos do 4º Centenário de São Paulo. Encontrei um estádio diferente, na tarde de 25 de abril: o campo estava tomado por atletas de uniformes coloridos e as arquibancadas eram ocupadas por um público menor que aquele de São Paulo 5 x Nacional 2, em 1952, o primeiro jogo de futebol que assisti.

“É assim mesmo”, explicou meu pai, Luiz Gonzaga Ramos, são paulino fanático que também estaria comigo na inauguração do estádio do Morumbi, em 1960, mas que não chegou a comemorar o título paulista de 1970: “O atletismo nunca consegue grande público, mas é um esporte bonito. Além disso, temos um atleta sensacional, o Adhemar Ferreira da Silva, que vai saltar hoje”, completou ele.

Adhemar saltou. Conseguiu a vitória no salto triplo com 16 metros e 22, exatamente igual à marca estabelecida dois

anos antes, na Olimpíada de Helsinque. Não, porém, o recorde mundial: em 1953, o soviético Vladimir Cherbakov havia chegado a 16 metros e 23. Faltou um centímetro. Ainda me lembro da expressão de surpresa do público reduzido do Pacaembu, quando o mostrador informou o resultado após demoradas medidas dos juízes da época em que não existia equipamento eletrônico. “Ele vai bater de novo o recorde”, anunciou profeticamente meu pai. Durante os Jogos Pan-Americanos de 1955, na Cidade do México, não deu outra: Adhemar Ferreira da Silva saltou 16 metros e 56, o novo recorde do triplo, que ainda duraria bom tempo. Para o garoto de dez anos de 1954, resta o orgulho de ter visto Adhemar competindo. E fica a informação valiosa de meu pai: “Ele é do São Paulo...”

(L.C.R.)

A volta do Grande Corredor

Recuperado de uma cirurgia, o fundista tricolor volta a correr no "primeiro pelotão".

José João da Silva, autor da façanha de ganhar por duas vezes a São Silvestre e transformar-se no primeiro brasileiro a vencer essa corrida após 33 anos, está de volta às pistas. E, novamente, para reafirmar a opinião de seu técnico de que é o maior fundista que o Brasil já teve.

Após dois anos e meio sem competir, recuperando-se de uma cirurgia na coxa esquerda, José João venceu, no último dia 29 de junho, a Corrida da Fogueira, em Recife, a segunda mais tradicional prova de rua no Brasil, com 53 anos de realização. Ele fez o segundo melhor tempo do percurso, sendo que o primeiro já era seu, conseguido em 1981. "Eu não estava correndo, mas voando baixo", diz o atleta, que ganhou com uma vantagem de 200 m sobre o segundo colocado.

Para o técnico de atletismo do São Paulo, Carlos Gomes Ventura, o Carlão, José João é o melhor fundista do País não só pelos recordes que possui, mas, principalmente, pelo alto nível técnico que sempre manteve. "Todas as vezes que competiu no Brasil apresentou evoluções", explica Carlão. "Além disso, é um atleta que segue à risca as determinações técnicas, é um perfeccionista".

José João, segundo o professor Carlão, cria um objetivo e luta muito por ele. Daí seus resultados. É detentor dos recordes brasileiros dos 5 e 10 mil metros rasos e dos sul-americanos dos 15 km estrada e da meia-maratona. Foi o único brasileiro a romper a barreira dos 29 minutos nos 10 mil metros e o primeiro a vencer a São Silvestre por duas vezes, em 80 e 83, desde 1947 quando a corrida abriu-se à participação de atletas estrangeiros.

Resultado promissor - Essas marcas, no entanto, de acordo com o técnico do São Paulo, poderiam ter se ampliado, não fossem algumas infelicidades que José João teve ao longo de sua carreira e que retardaram ou, até, impediram a realização de alguns objetivos. "De 80 a 84, ele estava com o tendão de aquiles semi-rompido e bateu os recordes brasileiros dos 5 e 10 mil metros e chegou a correr

na Europa nessas condições, antes que soubéssemos o que ele tinha", lembra Carlão. Em 84, 15 dias antes da São Silvestre, ele caiu de uma trave e fraturou o braço, ficando fora da prova.

O mais longo período longe das pistas, no entanto, foi esse último, em que ficou dois anos e meio afastado. Descobriu-se que José João tinha uma patologia congênita no osso posterior da coxa esquerda e que muitas das dificuldades que ele tinha no seu dia-a-dia de atleta, como contusões frequentes, problemas posturais, dores nas pernas, vinham dessa deficiência. Ele foi, então, submetido a uma

com, nos fins de semana. Desde 80, porém, que se dedica só ao esporte e, segundo ele, ninguém investiu tanto no seu trabalho como o Tricolor. "Por trás dos resultados que consegui está o apoio do Clube, que acredita no atletismo, tem conhecimento e tradição na área", salienta. "Aqui, as pessoas sabem administrar, existe organização, sem isso nada vai para frente".

No momento, o atleta reside em Campos do Jordão, cidade montanhosa que facilita o trabalho de resistência, e prepara-se para uma viagem à Itália junto com o técnico Carlão e Diamantino, outro corredor de elite do São Paulo.

O plano é ficarem de 40 a 50 dias a uma altura de dois mil a 2.200 metros de altitude, fazendo um trabalho cardíaco-vascular e aeróbico e, a cada sete dias, descerem para disputar provas na distância de 5 a 10 km com atletas de nível olímpico. A preparação visa a São Silvestre deste ano, quando pretende subir, mais uma vez, ao pódio.

Como todo fundista, José João também sonha em disputar a maratona olímpica, em 92, com chances de vencer. Em 84, nas Olimpíadas de Los Angeles, chegou em 8º lugar nos 10 mil metros e, na época, ficou contente. "Achei que estava muito bom para quem veio lá de Bezerros", brinca ele.

Para o atleta pernambucano, o Brasil é uma potência adormecida no esporte. "Possuímos muitos talentos, mas sem apoio os resultados não aparecem", lamenta. "Não temos estrutura para sustentar um campeão olímpico, por isso a maioria dos esportistas de nível vai embora".

José João da Silva, no entanto, aos 33 anos, vive uma das melhores fases de sua carreira. Recuperado, estréia com vitória e de contrato novo. A partir desse mês, ele e Diamantino passam a ser patrocinados pela firma Filsam Equipamentos e Sistemas S/A. Com o apoio do Clube e de sua nova empresa, o atleta parte agora para uma nova etapa em sua vida esportiva e, segundo o técnico Carlão, "ele ainda vai dar muitas glórias ao São Paulo".

(VHR)



José João recupera a melhor forma: "estou voando baixo", diz ele.

delicada cirurgia, da qual acaba de se recuperar. Durante esse tempo, apenas treinou para manter a forma e participou, recentemente, de algumas provas de curta distância, para avaliação, e, segundo os médicos, ainda não atingiu 100% de suas condições físicas. Por esse motivo, o resultado de Recife é animador.

Planos - José João da Silva está há nove anos no São Paulo, antes disso treinava no Pinheiros, onde também era gar-

Um congresso de mestres

O São Paulo reuniu 250 professores, no último dia 6 de junho, para discutir questões específicas do trabalho sócio-desportivo.

No último dia 6 de junho, os professores que trabalham com o ensino do esporte para crianças tiveram oportunidade de participar de um acontecimento esperado há muito por todos eles. Foi realizado, no São Paulo, o 1º Congresso de Escolas de Esportes que teve como objetivo principal propiciar um maior intercâmbio entre os profissionais da área. "É muito difícil esse pessoal se encontrar e conversar a respeito das coisas boas que estão sendo feitas em cada clube", salienta Sérgio Antonio Thomé, gerente de esportes amadores do Clube e organizador do evento. "Há muito tempo que se discutia a possibilidade desse encontro como uma forma de enriquecer o trabalho sócio-desportivo".

Segundo Thomé, o que diferencia, basicamente, as Escolas de Esportes dos clubes das demais é que nelas só se trabalha com associados, não existe a participação de militantes. "O esporte, nesse caso, é um meio e não um fim", explica. A filosofia do São Paulo, no que diz respeito ao COD - Centro de Orientação Desportiva - é dar prioridade à educação. Se aparecem talentos especiais, eles são encaminhados aos times competitivos do Clube, mas esse, de acordo com Sérgio Thomé, não é o objetivo principal. "Nós trabalhamos no sentido de formar integralmente a criança. Nossa preocupação é sua educação intelectual, psíquica e física".

O encontro contou com a participação de todos os clubes que possuem escolas de esportes da Capital, mais o São Carlsense, do Interior do Estado, a Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) e a Secretaria Municipal de Esportes. Durante todo o dia, os professores estiveram reunidos no Auditório



Professor Carlos Gomes Ventura, do Atletismo; Sérgio Antonio Thomé, Gerente de Esportes Amadores; Edson Francisco Lapolla, Diretor de Esportes Amadores e José Alfredo Madeira Simões, Diretor do COD.

Monsenh. Dr. Francisco Bastos discutindo os problemas específicos do setor. O evento começou com a palestra sobre a **Contribuição da Escola de Esportes no Desenvolvimento Integral da Criança**, do professor Carlos Gomes Ventura e do Psicólogo Dr. Mauro Lopes de Almeida, ambos do Departamento de Atletismo do Clube; a seguir, o Dr. Ricardo Melhem Abdo, também do São Paulo, falou sobre **A Importância da Integração Médico/Professor**. A tarde foi destinada a debates e a formação de grupos por modalidades, com a apresentação das conclusões de cada um.

A indicação de que esse era um evento bastante aguardado é que muitos clubes nem sequer esperaram o convite chegar, assim que ficaram sabendo pediram para participar. "Esses professores só se encontram nas quadras e a troca de idéias sobre o trabalho pedagógico desenvolvido pelas diversas agremiações é muito importante. Além disso, ultimamente, todos os clubes estão preocupados em melhorar a parte social", comenta Thomé.

Resultados. O Simpósio, de acordo com Sérgio Thomé, já foi vitorioso por juntar num só espaço 250 professores para discutir assuntos comuns ao trabalho de base.

Mas o encontro teve outros pontos positivos, reafirmou para os participantes a importância da sociabilização da criança e do intercâmbio dos educadores da área para um maior desenvolvimento desse trabalho. Muito se discutiu, também, a respeito de uma maior participação da criança de 3 a 6 anos em grandes eventos e, por consequência, da utilização da recreação nessas ocasiões. "Falamos muito sobre a competição como forma de se relacionar", diz Antonio Sérgio Thomé.

Outra questão que mereceu destaque

foram os problemas enfrentados pelas escolas de esportes dentro de alguns clubes. "Em certas agremiações só se preocupam com o talento, os resultados, e o professor acaba perdendo sua função primeira que é a de educar", lembra Thomé. "O gordinho também tem que ter a sua vez, às vezes, a criança que mais precisa do esporte acaba ficando de fora".

Os professores que trabalham no COD também são unânimes em reconhecer o sucesso do Encontro. "Essa troca de conhecimentos foi muito importante para nós. Foi bom saber como os outros estão trabalhando determinado problema e poder contar a nossa experiência", afirma Dulce Ferreira, da Recreação.

A partir do Congresso falou-se, inclusive, na possibilidade de elaboração de um programa conjunto, em algumas modalidades, mesclando os pontos positivos de todos os métodos utilizados. E a professora Regina Oliveira, de Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), conversou com os participantes sobre a implantação desse esporte nos clubes, como uma opção a mais às meninas de 8 a 12 anos. "É uma atividade barata, que não exige muitos investimentos", argumenta Regina que, durante o Simpósio, acertou um campeonato entre o São Paulo e a Hebraica, como forma de promover a GRD nas escolas de esportes.

Um ponto que chamou a atenção dos professores do São Paulo, nos debates, foi que os outros participantes fizeram muitos comentários sobre a facilidade de comunicação que há no Clube. "Muitas das dificuldades deles nós também já enfrentamos e superamos porque aqui há diálogo. Eles não conseguem ter acesso à diretoria para resolver os problemas, enquanto que no São Paulo os professores são ouvidos", explica Miguel Inácio dos Passos, do Departamento de Vôlei.

**MICAIL
SCHAHIN**

IMÓVEIS & SEGUROS

FONE (KS):

222-0722

Rua 24 de Maio, 276
10º andar - CEP 01041
São Paulo - SP

Os bons resultados do vôlei

O vôlei do São Paulo está crescendo. Fez uma grande campanha no primeiro semestre, classificando as equipes femininas infantil, infante e juvenil para as finais do Metropolitano, que começam a partir do próximo dia 16 de agosto. Os times infante e juvenil terminaram em 1º lugar em suas chaves e o infantil em 2º.

A equipe adulta também atravessa grande fase. Está em 4º lugar na seletiva para a Divisão Especial, após o término do primeiro turno, e precisa melhorar apenas duas posições para, em outubro, participar da Divisão Especial entre as oito melhores do Estado. No começo do campeonato, o São Paulo contratou, além de grandes jogadoras, um excelente técnico para comandar esse time, o professor Antônio Martins Filho, o Índio, ganhador de vários títulos e com trabalhos até no Exterior.

Segundo o Coordenador do Departamento de Vôlei e técnico da categoria infante-juvenil, Renato Mamede Filho, que está no São Paulo desde 81, durante esses oito anos, o Clube só vem crescendo nesse esporte. "Em todas as competições que disputamos, ficamos sempre entre os seis primeiros. Em 85 e 86, fomos bicampeões do Infante, no Estadual, e vice-campeões no Metropolitano", lembra.

A esperança de Renato é que essa situação melhore ainda mais daqui para frente, com os benefícios que a Lei Mendes Thame trará ao esporte. "Os clubes terão condições de competir com as equipes classistas e até ganhar, pois a infraestrutura dos clubes é melhor", garante.



O coordenador Renato Mamede Filho e o técnico da equipe adulta, Antônio Martins Filho, o Índio.

Os bons resultados do vôlei tricolor e o trabalho de seu coordenador foram premiados recentemente com a convocação de Renato Mamede Filho para ser auxiliar-técnico da seleção paulista, na categoria infante-juvenil, que está disputando o campeonato brasileiro, em Jales, Santa Catarina.

E o vôlei do Clube não pára. Este mês de agosto já começou com um grande campeonato. Está acontecendo no Morumbi, no G-1 e G-3, o Torneio Início da categoria mirim feminino. Essa disputa já se realiza há quatro anos no São Paulo e envolve atletas de 16 equipes com idade até 12 anos.

FUTEBOL DE SALÃO/ MENORES

A garra dos nossos menudos

Toda iniciação deve ser bem feita, em qualquer atividade, e no esporte não é diferente. O técnico dos menudos do São Paulo sabe disso.

Cléber Roselli, 25 anos, professor de futebol de salão das categorias fraldinha e pré-mirim, está há seis meses fazendo um bom trabalho de base com os garotos do Clube.

No fraldinha, meninos de 8 anos, a primeira etapa do futebol, os atletas são: Guilherme, Thiago, Yanko (goleiros); Thiago Pregele e Rodolfo (fixos); Gilberto, Diogo, José Augusto, Rodrigo, Felipe Spíndola e Ricardo (alas); Rafael e Felipe (pivôs).

Nesta categoria, o técnico desenvolve a noção de espaço e, principalmente, a marcação. "O time apresenta altos e baixos, o que é normal no início", explica Cléber.

Já o pré-mirim, garotos com 10/11 anos de idade, é uma equipe bastante competitiva. As feras são: Marcelo, Marcelo Francisqui e Rafael (goleiros); Mar-

cos, Paulo e Villar (fixos); Thiago Henrique, Danilo, Rodrigo Guerreiro, Fábio e Laerte (alas); Marcel, Arthur e Rodrigo Silva (pivôs).

E, no meio de todos esses talentos, pelo menos quatro deles ainda conseguem se destacar. De acordo com o técnico Cléber, o ala Laerte é um craque, muito habilidoso, tem grande noção de espaço e mantém uma notável regularidade. O pivô Arthur, um goleador, é rápido nos contra-ataques, grande driblador e já possui uma técnica refinada. O fixo Villar joga para o time, marca muito bem, lança com perfeição e é bastante disciplinado taticamente. Finalmente, o ala Fábio finta com facilidade, arma e prepara as jogadas com toque de craque. Os quatro jogam, também, futebol de campo sob a orientação do técnico Dirceu Silva.

Segundo Cléber Roselli, o futebol de salão menores do Clube cresceu porque o São Paulo tem oferecido todas as condições para a realização de um bom trabalho de base. "Nosso objetivo é fazer um

planejamento, com programas desenvolvidos de acordo com a faixa etária dos garotos, não esperando resultados imediatos, mas preparando esses jogadores para o futuro", afirma.

Os menudos do Tricolor são, agora, patrocinados pela Nobel, Pisos e Azulejos, e a motivação aumentou ainda mais com a entrada da empresa. "A Nobel investiu em nós e não podemos decepcioná-la. Estamos sempre procurando melhorar e essa empresa tem demonstrado uma visão muito ampla, pensando sempre no futuro", comenta o técnico. "E, agora, com os jogos sendo televisados, os atletas estão muito empolgados".

Os treinamentos das categorias menores são às segundas e quartas-feiras, das 18 às 21h00, nas quadras cobertas. O São Paulo disputa, atualmente, o Campeonato Metropolitano e os jogos são sempre aos sábados à tarde, com transmissão pela TV Record.

O 1º Torneio Aberto de Tênis

600 atletas estarão nas quadras do Clube a partir do dia 19

É grande a movimentação na seção de tênis do Clube. Encerrada a fase de inscrições, aceleram-se agora os preparativos finais para o Primeiro Torneio Aberto de Tênis do São Paulo, que vai acontecer a partir do dia 19 de agosto nas quadras do Morumbi.

Os bonitos cartazes com o logotipo do campeonato já foram distribuídos aos vários clubes e academias do Estado e espera-se a presença de grande público para prestigiar o evento.

A abertura está marcada para o próximo dia 19, um sábado, com hasteamento de bandeiras, execução do hino nacional, desfile dos atletas participantes e muita festa, como em todos os acontecimentos do Clube.

Este é o maior campeonato de tênis já promovido pelo São Paulo e deverá trazer perto de 600 atletas desse esporte ao Morumbi. "A organização deverá ser perfeita para que o evento tenha uma boa repercussão e possamos realizar, a cada ano, um torneio maior", afirma Alberto Joaquim Martins, diretor-adjunto da seção de tênis.

O campeonato é aberto às cinco classes, sendo que as provas femininas englobam da 1ª a 4ª e principiantes; e no masculino são admitidas cinco classes e mais principiantes. Os jogos durante a semana começam às 18h00 e aos sábados, domingos e feriados a partir das 8h00. E os campeões e vices de cada categoria serão premiados. "O São Paulo será beneficiado, pois fortalecerá, ainda mais, a sua imagem e os tenistas do Clube poderão fazer uma reciclagem em relação aos jogadores de outras agremiações", explica Alberto Joaquim Martins.



1º CAMPEONATO ABERTO DE TÊNIS DO SÃO PAULO F. C.

1 9 8 9

PROVAS FEMININAS:
1ª, 2ª, 3ª, 4ª CLASSES E PRINCIPANTES

PROVAS MASCULINAS:
1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª CLASSES E PRINCIPANTES

JOGOS DURANTE A SEMANA A PARTIR DAS 18:00 H. SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS A PARTIR DAS 8:00 H.

INSCRIÇÕES
ATE 30/JULHO/1989
INÍCIO:
19/AGOSTO/1989

SERÃO OFERECIDOS PRÊMIOS AOS CAMPEÕES E VICE CAMPEÕES DE CADA CATEGORIA.

ESTE CAMPEONATO É UMA PROMOÇÃO DA SEÇÃO DE TÊNIS DO DEPARTAMENTO DE ESPORTES AMADORES DO SÃO PAULO F. C.

SUPERVISÃO TÉCNICA
FEDERAÇÃO PAULISTA DE TÊNIS

Mais um título

O Tênis Tricolor obteve mais um triunfo. A equipe infanto-juvenil conquistou o troféu de Clube Campeão Geral da 5ª Copa Itaú de Tênis, realizada de 8 a 16 de julho, em Presidente Prudente.

Os 27 atletas, supervisionados pelo professor Luís Carlos Cruz, disputaram cinco títulos dos 16 que estavam em jogo e os finalistas do São Paulo foram Rudney Miguel, vice-campeão da 5ª classe; Luís Carlos Santos, vice-campeão da 4ª classe; Jorge Nascimento, vice-campeão da 2ª classe; Luís Carlos Santos, vice-campeão dos 19/21 anos e Luís Carlos Cruz, campeão dos 22/34 anos.

BRAÇOS FORTES

Você tem braços fortes, punhos firmes, resistência física e garra de campeão? Pois, então, já pode ser um concorrente do III Campeonato Interno de Braço de Ferro do São Paulo, promovido pela musculação do Clube, no dia 24 de setembro. Para participar, basta comparecer à sala de musculação, a partir do dia 31 de agosto, fazer sua inscrição e treinar.

Este torneio já se tornou tradicional nas fileiras do Tricolor e os participantes desse esporte esperam o ano todo para tentar destronar o último campeão que, em 88, foi Alberto Lupo, o Betinho.

Além da realização de competições como a de Braço de Ferro e Levantamen-

to de Terra - organizada paralelamente às Olimpíadas - a seção de musculação, através de seu diretor, Manoel Lauro Pontes, vem se sofisticando com a aquisição de nova aparelhagem. Tudo para que o associado possa usufruir de recursos equivalentes aos das melhores academias do Brasil.

E para você que acha que está com algumas gordurinhas a mais, ou precisando ganhar peso, a musculação tem cursos específicos a cada aluno. Os professores Carlos Alberto, Regina e Zina estão à disposição dos associados de terça à sexta, das 8 às 12h00 e das 14 às 22h00 e, aos sábados, das 9 às 18h00.



A torcida tricolor lotou o 'Cícero Pompeu de Toledo' no jogo da decisão

PAULO PLANET BUARQUE

O São Paulo, uma vez mais...

Viajando, fora do País, não tive a ventura de ver a consagração do São Paulo no campeonato paulista de 1889. Posso avaliar, no entanto, o que tenha sido a festa tricolor depois dos tempos de angústia que vivemos desde que, por força da necessidade imperiosa, nos desfizemos de praticamente todo um time, inclusive a nível nacional.

Todos tínhamos a consciência de que haveria a necessidade de que algo muito especial acontecesse para que o elenco reformulado e também reforçado pudesse encontrar o caminho que levasse o Clube no mínimo às finais o que já seria uma enorme conquista conquanto saibamos muitíssimo bem que nada satisfaz ao torcedor senão o título. Nem mesmo o vice-campeonato satisfaz.

Foram, todos lembremos, tempos difíceis. Porque o time perdera boa parte da sua força atacante e também o equilíbrio do meio-de-campo. Nem mesmo o indiscutível talento de Cilinho mostrava-se suficiente para levar o São Paulo aos sonhos maiores do seu público, que é tão grande quanto os maiores quando a esperança existe.

Juvenal Juvêncio e os seus compa-

nheiros de Diretoria, Marcelo Portugal Gouvêa à testa do Departamento de Futebol, no entanto, compreenderam que seria necessário algum tipo de providência. Contrataram Bobô, que foi a mais alta transação do futebol brasileiro, e contrataram a experiência e a vivência de Carlos Alberto Silva.

Bobô foi a pedra de toque que despertou a torcida e Carlos Alberto foi a alma que devolveu ao conjunto de futebol as condições necessárias para que tudo se modificasse até mais rapidamente do que se poderia pensar.

Aos poucos o São Paulo foi se reencontrando, percorrendo o mesmo caminho das glórias passadas. De passo em passo, cada vez mais seguros, foi ganhando confiança e produtividade, que se consolidou com a contratação de Ricardo, que mudou a tônica da ação da defesa.

E, de repente, como por um passe de mágica, tão comum no futebol, eis o São Paulo dominando, um a um, os seus adversários, empenhando o time em mostrar que às vezes - quase sempre - a vontade pode dominar a técnica ainda que não se possa abrir mão da mesma.

E, finalmente, o título, uma festa tricolor autêntica, com mil pessoas no Estádio para comemorar esta década de conquistas, de títulos, de equilíbrio nessas conquistas que espelham, de forma nítida, a coerência administrativa, a capacidade na condução dos negócios do Clube.

Desejaria dizer, no entanto, que houve algo mais que ajudou nas glórias do título, além da vontade dos jogadores, da capacidade do técnico, da compreensão dos dirigentes em restabelecer o equilíbrio técnico do conjunto. Refiro-me ao fato de que pouco antes se registrou o que sempre sonháramos, ou seja, que o Clube tivesse paz interior, coesão dirigente, união em torno dos ideais comuns. O que permitiu o restabelecimento do ambiente propício às conquistas.

Está de parabéns a torcida tricolor. Mais uma vez nos vimos gratificados pela sensação gostosa de integrar, de pertencer a um Clube que, tendo ultrapassado o momento da construção, começa a desfrutar das benesses de uma casa arrumada, voltada para um futuro, que se desenha cada vez mais promissor.

Para comodidade
da família são paulina
o Buffet Palace dispõe
de um ambiente
amplo e requintado no
melhor lugar dos Jardins



venha comemorar conosco

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1541 - 15º andar - CalCenter
Consulte-nos pelo telefone: 813-0411



*Um abraço
com muito
carinho a todos
Zé Teodoro*



S É R I E
NOSSOS CRAQUES

ZÉ TEODORO

MGuilherme



A Garra Tricolor

José Teodoro Bonfim Queiroz nasceu no dia 22 de novembro de 1963 na cidade de Anápolis, em Goiás.

Sagitariano, desses que não conseguem ficar parados, ele joga futebol desde 72. Começou nas categorias inferiores do Goiás e, em 79, aos 17 anos, se profissionalizou.

O esporte, aliás, faz parte do cotidiano dos Bonfim. O irmão mais velho, Fernando, chegou a jogar no Santos, na época de Pelé, como ponta-direita, e o mais novo, Gilson, atua no Nacional, de Manaus.

Vindo de uma família de comerciantes, Zé Teodoro não foge à regra. Paralelamente ao esporte, vem conciliando suas atividades ligadas ao plantio, beneficiamento e comércio de cereais. "Meu pai nunca acreditou no futebol, por isso empurrou todo mundo para o ramo em que ele trabalhava", explica o lateral.

Zé Teodoro já começou duas faculdades. Cursou um ano de Contabilidade e dois de Administração de Empresas. Atualmente está fazendo Educação Física na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) e garante que desta vez vai até o fim. O jogador decidiu prestar vestibular novamente depois de muita insistência do professor Bebeto de Oliveira, preparador físico do São Paulo. "Ele diz que eu tenho espírito de liderança e uma larga visão de futebol".

No São Paulo, o lateral chegou em 1985, depois que o então técnico Cilinho disse que o queria para

ganhar títulos, já que a carreira de Zé Teodoro é marcada por uma sucessão de conquistas. Foi, inclusive, o que ele reafirmou ao Presidente da época, Carlos Miguel Aidar. "Eu vim para ser campeão". E não deu outra. O São Paulo venceu o Paulista em 85, o Brasileiro em 86 e, novamente, o Paulista em 87 e 89. "Quebramos, inclusive, o tabu de que não ganhávamos título em cima do Corinthians", lembra o jogador.

Segundo o técnico do São Paulo, Carlos Alberto Silva, que o convocou para a Seleção Brasileira pela primeira vez, em 87, ele é um atleta que inflama o time, dá espírito de luta aos companheiros. "Eu coloco muita vibração no futebol. Faço isso com prazer porque adoro jogar". Para Zé Teodoro, que se define como um esportista de raça e coragem, o importante é fazer tudo da melhor maneira possível, para legar a sua marca aos clubes por onde passar. "Quero deixar amigos, a lembrança de um bom comportamento e o reconhecimento ao meu trabalho".

Para o futuro, ele não tem planos definidos. Tanto pode voltar para Goiás e cuidar de seus negócios, como continuar aqui e trabalhar com futebol. E não descarta a possibilidade de uma transferência para o Exterior. "Tudo tem que acontecer naturalmente, sem pressa", justifica. Mas se ele não determinou os projetos, os sonhos estão bem delineados em sua cabeça. "Quero voltar à Seleção e ser campeão do Mundo, além de constituir uma família e ter filhos".

Uma carreira de vencedor

1979 Estava chegando da Seleção de Juniores. Com 17 anos, começa a ser lançado na equipe principal do Goiás e disputa a Taça de Prata como meio-campo.

1980 Vai para a Seleção de Novos com o treinador Lapolla e é tricampeão, em Toulon, na França. Na volta, disputa o Brasileiro.

1981 É campeão goiano e quase é emprestado para o Flamengo, do Rio. Mas não aceita porque queria ir em definitivo. Passa no vestibular de Contabilidade, cursa um ano e tranca a matrícula. Ainda em 81, começa a investir no mercado de cereais. Abre duas firmas em sociedade com um dos irmãos: a Concerb (industrialização) e a Cereais União (de comércio).

1982 Chega em segundo lugar no campeonato goiano. Lança no mercado o arroz Bonfim, aproveitando sua projeção como jogador.

1983 É campeão goiano e chega em quinto lugar no Campeonato Brasileiro. Há interesse do Cruzeiro, Botafogo, do Rio, e Guarani em levá-lo.

1984 Outra vez vice-campeão goiano e nono lugar na Copa União.

1985 O ano da realização de tudo o que Zé Teodoro havia sonhado. Depois de ter despertado interesse em vários clubes grandes, o São Paulo compra seu passe e o traz para ser campeão paulista.

1986 É campeão brasileiro e, em grande fase, cogitado para disputar a Copa do Mundo. Pede transferência para a faculdade de Administração de Empresas, cursa dois anos e acaba trancando a matrícula.

1987 Novamente campeão paulista e convocado, pela primeira vez, para a Seleção Brasileira, pelo técnico Carlos Alberto Silva.

1988 Tem algumas decepções. O São Paulo perde a classificação para as finais do Paulista e, também, para o Brasileiro. Zé Teodoro está fora, contundido na panturrilha.

1989 Passa no vestibular e começa a cursar o primeiro ano de Educação Física. É, mais uma vez, campeão paulista. Dos seis títulos ganhos pelo Tricolor, na década de 80, quatro deles foram conseguidos com a participação de Zé Teodoro. Convocado para a Seleção Brasileira é cortado por estar contundido no joelho.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO

JOÃO FARAH

2026



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ